

TRAÇOS PARA A HISTORIA DA OPPOSIÇÃO EM 1883

55

FERIA POLITICA

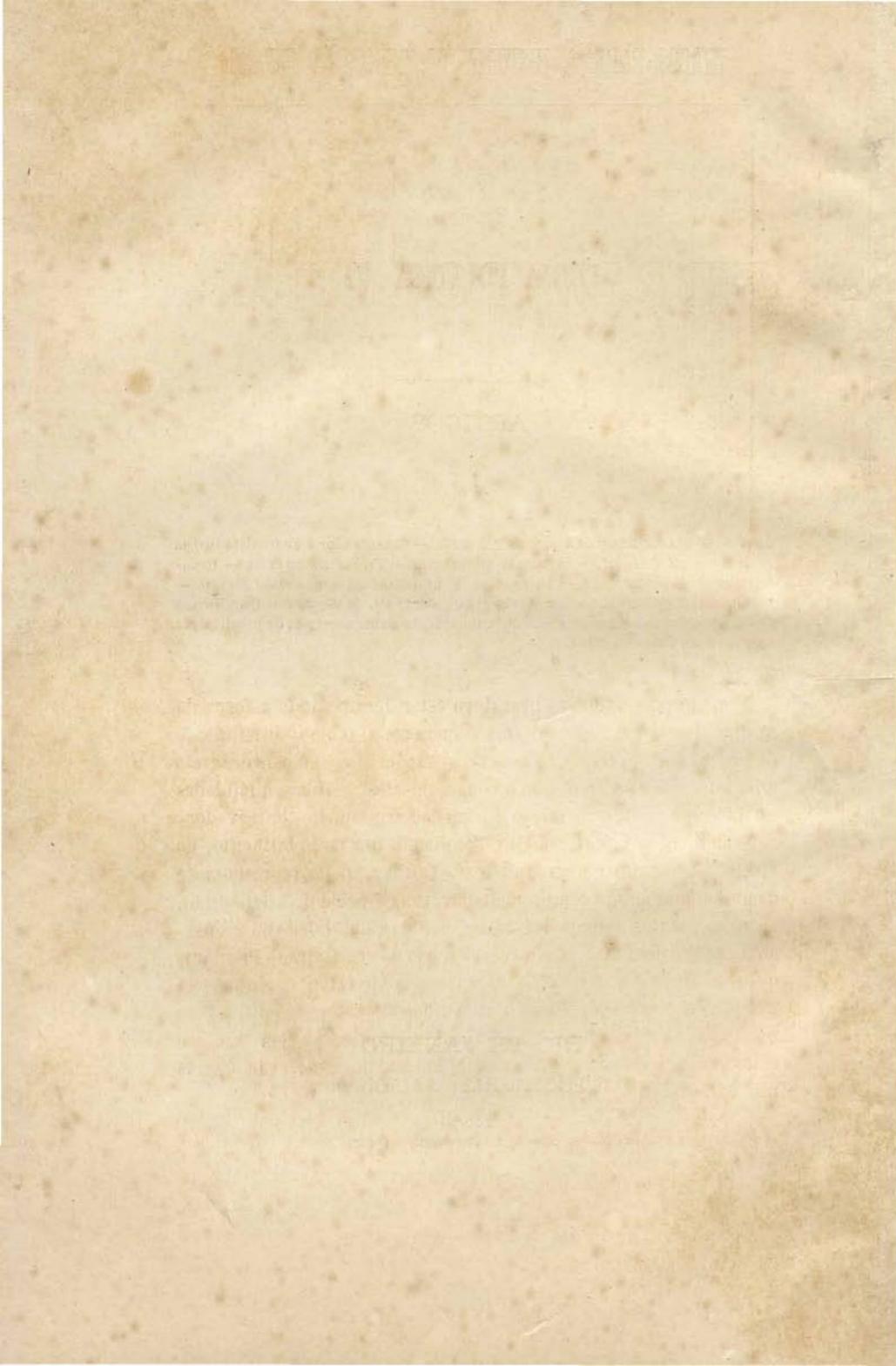
ARTIGOS

DE

SALISBURY

Ruy Barbosa

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1884



FÉRIA POLITICA (*)

I

Apuros de um conservador á cata de um chefe.— Conservador e anarchista *hurlent de se trouver ensemble*.— Os nossos miguelistas.— *Tu judeu e eu judeu*.— Impaciencia de solteironas.— Thibaudin, a proposito da scena do Lavradio.— Enigmas o esdruxulos.— Nem tanta grammatica, srs. do *Brazil!* — O sr. Prisco Paraizo e os anonymos do *Brazil*.— A Relação da Bahia averbada de prostituição pela folha conservadora.

O meu nome adoptivo bem deve estar denunciando a força da minha quéda pela opinião que associe em si o amor intelligente da ordem com a pratica do progresso moderado. Sou a dizer, creio que sem risco de erro, que o consorcio destas duas qualidades estabelece a melhor definição do verdadeiro espirito conservador.

Nem me quero, pois, com o radicalismo, um tanto bulhento, do facheiro, sympathico e irrequieto sr. Taunay, bello representante da nação, mas amigo compromettedor, uma especie de estrôe-tudo, entre os pacatos amigos das tradições e da estabilidade na monarchia; nem com a ferocidade reaccionaria do sr. Andrade Figueira, o severo chefe dos *immobilistas*, cujo pendor retardatario arrisca não menos a preservação do bom nas coisas antigas; pois, si me não engana a experiencia e a historia, no reformar em tempo e com boa cautela, está o unico meio efficaz de conservar a parte util da herança de nossos maiores.

(*) Artigos estampados no *Jornal do Commercio* da côrte.

Isto posto, seria ociosa a explicação das dificuldades sem sahida com que lucto, em vão até hoje, por jurar bandeira, com a sinceridade de bom soldado, nos quartéis do partido que devia ser o meu, e usa o mesmo qualificativo politico de que me ensoberbeço. Ante o illustre sr. João Alfredo, que, na questão servil, não se sabe bem o que quer, mas da noite para o dia é capaz de querer tudo, e o benemerito sr. Paulino, cujo programma, no assumpto, é nada e mais coisa nenhuma, não sei a quem obedecesse, entre a minha veneração por ambos, o meu respeito á minha consciencia e o zelo pela pureza da genuina fé conservadora.

* * *

Conservador, de mais a mais, não só por acto de razão e livre arbitrio, senão tambem por um nativo pendor da minha indole, observo em mim uma disposição inalteravel, que os meus co-reigionarios deste paiz não experimentam, cuido eu, senão quando o poder é exercido pelos nossos chefes, mas que, no meu animo, é constante, e me enche sempre de um sentimento de respeitosa deferencia para com a autoridade e as pessoas que a representam, ainda quando o governo corre por mãos dos mais declarados adversarios do nosso credo. Esse sentimento, que não exclue a critica firme, vigorosa, mas urbana, dos actos reprovaveis da administração, parece absolutamente banido, entre nós, das fileiras militantes da opinião que se chama conservadora, e que dest'arte, longe de ser fiel á sua divisa, formalmente falseia o seu papel de agente moderador « no meio das difficuldades », que, como diz o *Brazil*, « formam a vida das sociedades modernas, solapadas por todas as paixões desordenadas. »

Para contraminar a desordem dessas paixões perigosas, o primeiro passo, incontestavelmente, seria pôr ordem nas nossas proprias paixões, sotopondo um pouco a soffreguice individual de ser governo aos interesses permanentes e collectivos do partido. Ora, é precisamente esta pauta de bem viver a que me parece não tóa ás inclinações do *Brazil*. Este um dos aggravos sérios que delle tenho, entre outros, todos oriundos, está claro,

do meu desinteresseiro apêgo á fortuna de um partido, onde me honraria de militar, soldado raso, si visse entenderem-se os generaes, em algum dos assumptos que tocam vitalmente á sorte da nossa causa.



A mania de inventar crises ministeriaes, acepipe quasi quotidiano servido pelo *Brazil*, com especial gosto, a uma clientela de credulos, é pateguice, que só á opposição faz damno, e alonga do cobiceado advento ao poder os opposicionistas.

Vou referir-lhes um caso, que vem para aqui muito a ponto.

Ninguem ignora o que é, em Portugal, o *partido* miguelista : um grupo de fanaticos, reunidos sob a invocação de um nome odioso, tendo por ideal a sombra de um passado irrestauravel. Ha, entretanto, uma circumstancia mais nociva á consideração social desses homens, entre os seus conterraneos, do que a antipathia geral que envolve o seu idolo : é a parvoeirona ingenuidade das suas esperanças, illudidas a cada momento e a cada momento annunciando a sua verificação immediata. A opinião acompanha-os com o riso do desdem, e acaba por desconhecer nos pobres *gobe-mouches* até os rudimentos da intelligencia.

Um forasteiro, em viagem por aquellas bandas do Atlantico, não pôde uma vez occultar o seu reparo ante as expressões desse desprezo, apparentemente excessivo, com que via tratados, entre as classes esclarecidas, os singelos crentes daquelle inoffensivo al-korão.

— Mas é obvio ! responderam-lhe. Vêde si o senso commum não se despediu por uma vez destes homens ! Esquenta o sol, põe em risco a vindima nos campos, e augmenta nas cidades o consumo dos sorvetes ? Temos novidade, ahi vem d. Miguel. Dias depois, baixa inesperadamente a temperatura, resfria o ar, neva : preparem-se, cá estamos com d. Miguel á porta. Um incendio devorou alguns predios, e abalou umas companhias de seguro : signal do céo, d. Miguel não tarda. Um rio enche, desborda, inunda o almargem, victima as aldeias ribeirinhas : não tem duvida, ameaça do Senhor, contem com d. Miguel de uma hora par outra. Chove : d. Miguel ! Estia : d. Miguel ! Venta : d. Miguel !

Calmaria: d. Miguel! Quebra um banqueiro: d. Miguel. Esmurram-se uns desordeiros na rua: d. Miguel. Cahe um ministerio: d. Miguel. Não cahe: d. Miguel. Vive assim este pacovio bando a esperar cada minuto, a proposito de quantas circumstancias ha, e não ha, um salvador, que de instante em instante lhes parece mais proximo, e de momento a momento lhes vai ficando mais longe!

*
**

Ora, quer-se-me affigurar que com o espectaculo dado ao paiz pela avidez de certos conservadores, quasi já não tem de que nos metter inveja, com os seus miguelistas, o reino ultramontano.

Até alguns mezes atrás essa debilidade de juizo apenas res-lumbrava pelas conversinhas, pelos boatos, pelos entrelinhados desta folha e pelos écos de alguns jornaes, leigos na materia, que se deixavam illudir com a gravidade prophetica dos presagiadores de crises.

Ao *Brazil*, porém, é que cabe o merito de ter dado permanencia e notoriedade a esse *miguelismo* da parte pouco soffredora do partido conservador.

Hoje não tem mais remittencias nem intermittencias o achaque. Não o larga, e vai todos os dias de sol a sol, com prejuizo sensivel das boas côres, bem que não do appetite do enfermo.

A molestia dir-se-hia contagiosa, não se sabe si por miasma ou sympathy; não havendo quasi manhã, ou tarde, em que um orgão da imprensa não offereça, por symptomas bem caracteristicos, o typo da doença, prenunciando, com a emphase da mais absoluta certeza, a quêda de um ministro, a dissolução do gabinete, ou o termo da actualidade. Precisam-se, até, os pormenores do facto assegurado. Quando muito, se já não se affiança como coisa consummada, aprasam-lhe a solução fatal para o sabbado vindouro, que não tarda em frustrar o prognostico, e desmentir as informações dos noticiaristas.

Si o estado desses espiritos não fosse morbidamente anormal, é claro que, no dia seguinte, envergonhados, evitariam os olhos ironicos do publico, e nunca mais se abalançariam a historiar desastres ministeriaes. Na primeira occasião, porém, no dia immediato, o autor da bulla falsa, com ares dez vezes mais cate-

goricos, insinua aos leitores nova confiança de uma transformação já operada nas regiões do poder, ou de uma catastrophe imminente sobre o partido que governa.

Na vida particular ninguém mais levaria á tolerancia esta monomania, ou esta industria; e o individuo colhido uma ou duas vezes em tal sestro, não encontraria quem segunda ou terceira vez o ouvisse, sem lhe voltar as costas. Mas, para certos *escriptores publicos*, a ethica é diversa.

Os governos não têm direito á fé da opinião; porque nem sempre os seus assertos, ou as suas promessas, se verificam. A' imprensa, porém, aos *fiscaes* do governo, a esses se reserva o privilegio de induzirem a cidade e o paiz em erros sobre erros, acerca dos acontecimentos politicos, sem desmerecerem jamais do credito geral.

* *

Orá nesta indecencia não desejaria eu que se envolvesse a reputação de um partido, cujos serviços ainda hão de trazer á patria glorias incalculaveis.

Si aos liberaes, entre nós, accusamos de predilecção pelos gozos do poder, muito grato me seria que ao partido com quem confraterniso em tendencias lhe não pudesse o adversario revidar, como um ao outro os dois conhecidos personagens na farça antiga :

*Tu e eu não somos eu,
Tu judeu e eu judeu ? (*)*

* *

Não são arduas, mui seriamente arduas, as condições presentes da nação ? Não a embarçam uns poucos de problemas, qual a qual mais enovelado ? Não está o partido conservador dividido até ás entranhas, quanto á solução dos mais sérios desses problemas ? Não se acha o partido liberal a braços com res-

(*) GIL VICENTE : Obras. (Ediç. de Hamburgo, 1834) Vol. III, p: 136.

ponsabilidades que nos arrastariam, si nos coubesse a nós a liquidação ?

Innegavelmente.

Logo, não ficam bem aos interpretes publicos da opinião conservadora esses assomos de insoffrimento, essas intimações de despejo aos gabinetes ; a não ser que o nosso interesse esteja reduzido ao das loureiras impacientes, cuja questão é o *annel no dedo*, seja quem fôr o noivo.

« Sempre eu ouvi dizer,
Ou seja sapo ou sapinho,
Ou marido ou maridinho,
Tenha o que houver mister,
Este é o certo caminho. » (*)

A essas mesmas, entretanto, a comedia antiga buscava suavisar a chamma, appellando para a paciencia e o tempo :

« Quando te não preeatares,
Virão maridos aos pares
E filhos de tres em tres. » (**)

O que se ha mister nos maridos, e *o que se ha mister* no governo, pontos são, a cujo respeito divergem as opposições e as moças casadeiras. Quizera eu, porém, que a opposição conservadora mostrasse, pela discrição, que não encara as conveniencias do seu futuro atravez do mesmo prisma que as namorações o casamento.

* * *

Um conselho tinha eu que dar á folha que sinto não poder chamar, sem restricções «meu orgão» : E', não abusar dos factos ; conhecel-os, antes de fallar nelles. O contrario fica-lhe desastro-

(*) *Ib.*, p. 129.

(**) *Ib.* p. 124.

samente feio; e, com as minhas, alienar-lhe-ha muitas, das melhores sympathias conservadoras.

Recordo-me de que, a proposito do caso de 25 de outubro, o *Brazil* assentou, como conclusão de um vehemente editorial, estas emphaticas palavras:

« Deante do insulto feito ao rei de Hespanha, o general Thibaudin foi obrigado a demittir-se. *A insubordinação o exautorou.*

« *O Sr. Rodrigues Junior está nas mesmas condições.* »

Se o incidente Thibaudin pertencesse á idade homericá, si as suas circumstancias estivessem sepultadas sob as ruinas de Illion, comprehenderia eu que uma gazeta politica não fosse obrigada a espriair a sua sciencia historica até essas paragens remotas. Mas tem apenas trez mezes o facto; e, pois, não era licito ao representante jornalístico do grande partido nacional ignoral-o, ou deturpal-o, como fez, para dizer que a *insubordinação exautorou* a Thibaudin, e que no mesmo caso do francez está o nosso ministro da guerra.

Thibaudin pretextára notoriamente uma doença imaginaria, para não comparecer á recepção do soberano hespanhol, no intento de deixar ostentosamente vago o seu logar na solemnidade. Thibaudin fizera-se o chefe ostensivo, no gabinete, do partido irreconciliavel, em cujo gremio contava os seus principaes adeptos e inspiradores. Thibaudin empenhava-se em servir á intransigencia, collocando um dos seus mais exaltados fautores, o general Millot, na direcção da secretaria da guerra; ao que o chefe do gabinete já se oppuzera, dizendo: « Emquanto eu fôr o primeiro ministro, e autoriso-vos a publical-o, isso não se fará. » Havia, portanto, entre elle e o ministerio um triplice antagonismo: antagonismo declarado quanto á escolha do chefe da sua secretaria; antagonismo fundamental quanto aos principios politicos; antagonismo irreconciliavel quanto ao seu proceder na visita do rei de Hespanha. Qualquer dessas tres incompatibilidades tornava-o impossivel. Não foi, pois, a *insubordinação que o demittiu*, não: tanto mais quanto, em grande parte, á sua responsabilidade se lançava a deploravel manifestação popular contra o monarcha hespanhol. Foi, sim, a divergencia administrativa e a divergencia politica entre as suas intenções e idéas e as idéas e intenções do gabinete. Foi ainda a provocação estrondosa, de que elle se

fez co-autor, contra uma nação amiga, e que poderia ter acarretado um rompimento internacional. (*)

Mas de culpas taes, por menos sympathia que se tenha ao sr. Rodrigues Junior (e eu não tenho nenhuma), ninguém o arguirá, a não dispôr da enscenação melodramatica do *Brazil*, para descrever o facto de 25 de outubro, como elle o faz na folha de 30 desse mez, com esta altiloquencia magnifica:

« Embora autor dessa situação excepcional : (Apulcho) foragido, e *atravessando caminhos invios*, chegou até onde o magistrado *tem a sua tenda e os seus exercitos*. *Inimigo publico vencido, tendo as retiradas todas cortadas, alçou a bandeira branca de parlamentar*, e *foi submeter-se ás condições da paz*. *As leis da guerra suspendem em occasiões taes as hostilidades*. Entretanto, o *vencido do dia 25* foi assassinado, *justamente quando depunha as armas nas mãos do vencedor !* »

Eis ahi como a palavra, entregue, sem freio, aos vôos do enthusiasmo, é capaz de converter o incidente policial de um homicidio em um caso de direito das gentes, regido pelos tratados e costumes internacionaes, no dominio da sciencia de Grocio e Puffendorf.

Segundo conselho, pois, ao co-religionario: temperar a eloquencia, e costumar a rhetorica á sobriedade.

• •

O terceiro conselho que lhe eu offereceria, está em ser, quanto possa, intelligivel no escrever: evitar o abstruso.

Verbi gratia: alludindo a certa « *solidariedade da inepecia* », que attribue aos dois ministros da guerra e justiça, o meu bom amigo capitula-a como « *ponto fundamental no programma das alternativas comicas*. »

(*) O *Brazil* impugnou a exacção dos factos, quaes es descrevo. A noticia que essa folha tem delles estriba, porém, no testemunho do *Figaro*, o mais superficial e leviano dos informadores, em assumptos politicos; ao passo que eu, assim na versão, que expuz, das circumstancias, como na explicação dellas, cinjo-me rigorosamente ás communicções de Mr. Blowitz, o celebre correspondente do *Times*, o mais bem informado, circumspecto e acreditado entre todos, na Europa. Ver *Times*, *weekly edition*, n. 353, do 5 de outubro de 1883, pag. 16.

Percebeu o publico?

Eu de mim não.

No meu cerebro o effeito que isto produz, é o de um trompão, que me applicassem com força, em cheio, ao pavilhão da orelha, buzinando-me ao ouvido em uma ou duas notas as harmonias mais feras dos clarins do *Lohengrin*.

Perdõem-me a blasphemia. Comparei mal.

O como aquillo me está zoando no miolo, é tal qual o brinde do litterato ao barão dos Alcatruzes, no *Jantar de Barões* :

« Elle diz: Risonhas galas,
Que refrangem nestas salas,
Reperentem, symbolisam
Ceremonias insoluveis,
Nos aerosticos voluveis
De epopéas que eternisam.
Pandemonios exauriveis
D'indeleveis congruencias,
Requintados se escurecem
Nos emporios das sciencias,
E liberrimos se escudam
Nas façanhas que transudam
Em fantasiosas luzes.
E, portanto, a mais alludo,
Quando fervido saúdo
Ao Barão dos Alcatruzes ! » (*)

Releve-me o co-religionario ; não me accuse de hypercritico ; a sua transcendencia, superior a todas as hyperboles, sublima-se, naquelle topico, até acima dessa metaphysica poetica, deixando o leitor de queixo cahido sobre a estante, na immobilidade hypnotica do gallo cataleptico sobre a mesa do experimentador.

•
•

Ao *Brazil* este resultado esdruxulo não deixará talvez extatico.
E' possivel, até, que o contrarie.

(*) Ver C. CASTELLO BRANCO : *Caucioneiro Alegre*, p. 93.

Mas então será fácil a receita : uma dóse, homœopathica que seja, de benevolencia para com os adversários, que, nem por serem ministros, hão de perder totalmente o direito á lealdade do proximo, e um pouquinho de modestia na enunciação dos seus juizos, que, nem por virem da opposição, se hão de promover a infalliveis.

Estes predicados assentam bem nos homens da nossa crença.

A imprensa conservadora repelle os botafogos, os estragabalbardas, os estoira-vergas. A superioridade da sua origem obriga-a a um certo *quê* de fina fidalguia nas maneiras.

O sr. Prisco Paraizo incorreu no teiró do *Brazil*. Servem de cantilena contra elle certas incorrecções grammaticaes do um discurso, que o seu autor provavelmente não reviu.

Não é generosa, nem de boa fé essa casta de espirito. A Inglaterra não responsabilizou a sir William Harcourt, o ministro do interior no gabinete Gladstone, o typo mais irreprehensivel de correcção britannica nas classes elevadas do paiz, pelo gracejo ignobil com que um compositor depravado lhe enxovalhou um discurso, e que serviu de thema, na *Gazeta de Noticias*, a certo folhetim de Eça de Queiroz.

As incorrecções grammaticaes, no discurso, do ministro brasileiro, cujas provas não passaram pelas mãos do orador, são muito menos do que isso.

Estão-me a apurar grammaticas! Eu vejo por ahí (e mais calculo que não sabiriam a lume, senão depois de submittidos á lima de uma revisão esmerada) muito artigo de fundo

*En lenguaje verdinegro,
Entre gótico y francés ; (*)*

e não murmuro.

Lembra-me mesmo ter lido, não ha lá muito tempo, em uma folha conhecida intima do *Brazil*, certa noticia, concebida nestes termos:

« Celebrou hontem a associação tal a sua sessão, *cuya* teve logar etc... »

(*) FERNANDEZ DE MORATIN : A un ministro.

E, todavia, nem um instante me passou pela mente que os redactores desse periodico ignorassem o emprego vernaculo dos relativos.

. . .

O *Brazil* bem sabe que não são condições essenciaes ao estadista o desembaraço e a fluencia da palavra na tribuna. Ministros, tem-n'os havido, nos governos parlamentares, e dos melhores, sem estes dotes.

O sr. Prisco Paraizo não é nenhum filhote, nem uma *invenção*, como por ahi muita gente, que aliás já presume de *inventor*.

Sua lucida intelligencia assignalou-o desde a academia. Seu tino pratico, suas qualidades de character, seu animo prestadio, sua actividade civica, sua firmeza nos vinculos politicos, grangearam-lhe a solida adhesão de um districto dos mais ricos, n'uma das provincias mais intelligentes do paiz, onde não necessita ser governo, para se eleger, e por onde chegou a ministro, n'uma época, em que já de nenhuma situação politica se poderá dizer o que eu exprimiria na linguagem do velho Gil Vicente :

*Foi creada em gentileza
Dentro nas tripas do paço. (*)*

Fique certo o *Brazil* : um homem desses ha de representar necessariamente, perante a opinião, uma parcella de autoridade sempre maior, e ser, na vida politica, um elemento conservador muito mais precioso, do que qualquer publicista anonymo, como eu, ou os eminentes collegas, seja qual fôr a refulgencia do seu talento.

. . .

Outro conselho amigavel e despretencioso.

Em lhe cabendo tratar de alguma questão technica, de direito, de administração, do que quer que seja, ouça primeiro os nossos mestres. Tamol-os de primeira plaina, e dignos do nosso partido, em qualquer pouto do mundo mais civilisado.

(*) GIL VICENTE: *Obras*, vol. III. p. 93.

Si houvesse adoptado esta regra, não accusaria o governo, na questão do processo dos vereadores, de não ter feito discrimine entre innocentes e culpados.

Uma ligeira tintura de jurisprudencia, abrindo-lhe os olhos, fal-o-hia perceber que essa discriminação toca privativamente á competencia dos tribunaes.

*
*
*

Ainda uma indicação affectuosa aos meus confrades em religião politica.

Não é de conservadores o pernicioso exemplo que acabam de dar, exprimindo-se acerca de uma corporação respeitavel como a Relação da Bahia nas phrases do editorial de hontem.

Primeiramente, abrem os meus amigos ensejo a que, com pleno fundamento, os taxem de má fé, quando insistem em indigitar o desembargador Silvestre de Faria como « autor de telegrammas ao promotor de Ilhéos » contra o juiz de direito da comarca.

Aquelle magistrado, *com certidões da repartição competente*, demonstrou que telegramma nenhum expedira. O *Brazil*, pois, não póde caturrar na accusação, sem que formule a nota de falsidade contra a estação publica, a cujos documentos não presta fé.

Depois, a lista dos nomes vencedores, no acórdão que sentenceou a eleição municipal do Chique-Chique, devia fazer recuar o *Brazil* do juizo que enuncia a respeito dessa decisão.

Pergunte a quem quer que seja, d'entre os nossos, pela moralidade e intelligencia do desembargador Liberato de Mattos, e não encontrará uma só pessoa, naquella provincia, que se não curve com veneração. E', a um tempo, um caracter rigorosamente illibado e o juriconsulto de mais senso juridico e mais paixão pelo direito, que já conheci em toda a nossa magistratura. E' um austero typo de magistrado a d'Aguesseau. A' sombra da sua toga nunca ninguem disse que se acolhessem paixões, ou interesses politicos.

Sobre o honrado e habilissimo desembargador Japi-Assú, si carecem de informações, temos em casa a melhor das fontes ; é requererem-n'as ao sr. barão de Cotegipe.

Os demais nomes estão na mesma altura.

Ora, deante de reputações, como essas, qualificar a sentença firmada por taes juizes de « *crapula judiciaria* » é uma acção imperdoavel, de que o *Brazil* deve corar.

Sem cerimonia, eu direi o que penso.

Prefiro suppôr que o *Brazil* não conhece o valor da palavra, a admittir que, conhecendo-o, a espumasse contra tão integros e nobres servidores da patria.

E eu que me ia agastando contra o co-religionario...

Mas que querem ? Não me posso conformar á idéa de que o vilipendio daquella expressão, vulgarisando-se, chegue um dia, a poder de repetidas estroinices dos meus amigos, a lhes cahir por perto, em algum escarro de energumeno despeitado.

Para outra vez ruminem um bocadinho o *lexicon*.

E' o ultimo pedido que hoje lhes faço.



E até o proximo domingo.

Deus me ajude a não lhes faltar com a féria.

Rio, 8 de dezembro de 1883.

II

Dromedarios e avestruzes.— Não peço patente ao *Brazil*.— Tribunaes e crapula.
— Morder e soprar: o *Brazil* e a corôa.— O barreto phrygio.— O *Brazil* e a
velha Brazía Dias.



Ora, ainda bem (si me não logram de novo), que desta vez acerto com o domingo, o dia do Senhor e, por excellencia, o da caridade:— o que eu, por isso, escolhera para estas affectuosas praticas de uma devoção ás direitas, devoção que não se profana a idolos, nem se acompadra com interesses de bonzos.

Os mil sentidos com que um homem ha de pôr o primeiro pé na imprensa! Bem o sabia eu. Mas quem se livra do inimigo? Uma peça maligna, ignoro de quem, condemnou-me, na estreia, ao triste dia das almas. A critica dos cem olhos aventou para logo uma concomitancia atroz entre a apreciação do meu escripto e a reaparição periodica de certo annuncio, insidioso á innocencia do nosso sexo, que cada segunda feira dão a lume, na quarta pagina de uma folha muito conhecida, os prelos Marinoni.

Fez-me a fineza de consagrar um artigo inteiro, uma columna toda, a advertir-me da *coincidencia*.

Agradeço-lhe, tremendo.

As *coincidencias* fazem-me calafrios, desde o tempo em que presenciei a acção devastadora que é capaz de exercer, no espirito de uma fragil creatura intelligente, o vêsio de afuroal-as.

Era um pobre conhecido meu a victima dessa hyperestesia das faculdades perceptivas. As bossas da sagacidade tinham-se-lhe dilatado phenomenalmente, adquirindo para os factos dessa ordem uma sensibilidade especial, doentia, mas admiravel. *Coincidencia* que se benesse de escapar-lhe, qual! Fariscava-as de longe,

ferrava-as certo como frecha ; e então é que era vel-o extasiar-se, e esquecer-se na contemplação do achado.

Ia, supponhamos, datar um papel. *Dez de dezembro* era o dia.

— *Dez de dezembro...* Que coincidência !

E ficava a dar voltas ao bestunto.

— *Oito de outubro...* *Sete de setembro...* *Nove de novembro...*

Quanta coincidência !

Não imaginam o assombro do rapaz, quando acertou de completar 21 annos em 21 de certo mez.

— *Vinte e um annos...* Dia *vinte e um...* Oh coincidência !

A um amigo ia elle uma vez solicitar um obsequio.

— O' Ventura, quando passares pela rua da Fortuna...

E, embaraçando-se no acaso do encontro entre os dois synonymos, estacou, enleiado.

— *Ventura...* *Fortuna...* Coincidência, coincidência !

O amigo abanou a cabeça, encolheu os hombros, e foi-se. E o paciente da esdruxula obsessão alli se ficou, deslumbrado, contemplativo, a parafusar mysteriosas relações. Quem lh'as deviasse para as devidas *notas á margem* !

De mim confesso : em coincidencias não deito a barra longe. Mas, depois que tornei a mim dos effeitos do terrível descobrimento que me deixou por alguns instantes estarecido e sem voz, — já duas, não menos de duas coincidencias ! de uma só assentada, me occorreram, sem esforço ; e triumphalmente as submetto aos apreciadores. Veja o espirituoso critico o que este alumno lhe está promettendo de glorias ! Duas coincidencias juntas ! Uma vem a ser que precisamente nas segundas-feiras não sae o *Brazil*. Outra é que nesse mesmo dia saem as *Coisas politicas*. Ora como conservador que quer ser util, eu, desse duplo coincidir, logro duas vantagens : verter, cada semana, uma gotta de agua fria na ebulição radical da *Gazeta*, e prestar ao orgão conservador o serviço de substituil-o no seu periodico impedimento.

Peço aos meus amigos politicos perdão deste cavaco. Chamaram-me de « *pandego grammatical* »; e o meu coração, nimio sensível, exsolve-se em reconhecimento. Pois si eu penso como a d. Theodora, nas *Sabichonas* de Castilho:

A grammatica é tudo: ella até rege os reis! (*)

Concedido á minha inopia este transcendental merito, do mais não faço questão. Podem mesmo classificar-me entre os *sensaborões*, como os *C*, os *Puritanos* e os *Swifts*. As minhas lettra-dices em muito pouco panno se entrouxam, e a respeito de superioridades litterarias em minha terra, costumei-me a ver as coisas como o fabulista Iriarte:

« Para pasar el tiempo congregada
Un tertulia de animales varios
(Que tambien entre brutos hay tertulias),
Mil especies en ella se tocaron.
Hablóse alli de las diversas prendas
De que cada animal está dotado:
Este á la hormiga alaba, aquel al perro,
Quien á la abeja, quien al papagayo.
No (dijo el Avestruz): en mi dictamen,
No hay mejor animal que el Dromedario.
El Dromedario dijo: yo confisso
Que solo el Avestruz es de mi agrado.
Ninguno adivinó por qué motivo
Ambos tenian gusto tan estraño.
Será porque los dos abultan mucho?
O por tener los dos los cuellos largos?
O porque el Avestruz es algo simple,
Y no muy advertido el Dromedario?
O bien porque son feos uno y otro?
O porque tienen en el pecho un callo?
O puede ser...? No es nada de eso,

(*) Ac. II, sc. VI

(La Zorra interrumpió) : ya di en el caso.
Sabeis por qué motivo el uno al otro
Tanto se alaban ? Porque son paisanos.
En efecto, ambos eran berberiscos ;
E no fué juicio, no, tan temerario
El de la Zorra, que no pueda hacerse
Tavez igual de algunos literatos. » ()*

Eu (salvo o escandalo) opino com o poeta e o animal que dissipou as duvidas ao grave congresso.

*
**

Infelizmente, porém (em que me peze a mim, e o lisongêe a elle o contraste), não posso estar com o *Brazil*, quando avoca a si o monopolio de representar, na imprensa, os interesses conservadores, criminando-nos, a mim e a outros, de embusteiros, disfarçados nas côres da bandeira alheia, ao serviço do governo.

Serriamente não sei que titulos de sinceridade o abonam mais do que a mim, na defesa da boa causa que nos deve alliar. Anonymia por anonymia, a sua não é menos cerrada que a nossa. Por mais que falle em chefes ; que appelle para a sua unanimidade ; que os apologise a todos, mais ou menos animadamente, nas occasiões da pragmatica, — não ha quem não saiba que o *Brazil* tem traz si apenas uma secção do partido ; que os marechaes são varios ; que variam de sentir em relação ao orgão do respeitavel sr. conselheiro Paulino, e que boa parte, se não a generalidade, dos nossos amigos, acompanha com desapplauso os dias dessa folha, como lembrança pouco feliz na origem e, na direcção, não menos mal succedida.

Emquanto á discussão das idéas e dos factos, não me receio da competencia com a gazeta conservadora. Em que ponto já demonstrou ella que eu houvesse falseado o espirito da boa escola, ou estudado os acontecimentos á luz de uma optica inconveniente ás legitimas aspirações do nosso partido ?

(*) TOMÁS DE IRIARTE : *Fabulas literarias. El Avestruz, el Dromedario y la Zorra.*

E' de indisciplinado que me culpam ? Aqui me têm submisso, prompto a receber o santo e a senha, desde que me digam (não peço mais) onde está o bastão do commando.

Reprehende-me de indiscreto ? de lançar á praça a roupa suja do partido, e fazer em publico a barrella dos erros commettidos em seu nome ? Mas justamente melhores arrhas de amizade não lhe podia dar do que esforçando-me por desenrodilhar de responsabilidades que tocam a cabecilhas mal avisados o fio do nosso futuro, a honra do nosso velho *labaro* (por me servir da expressão a que um intrepido cruzado, o sr. Junqueira, ligou o seu nome).

Desvarios serão. Mas onde os aprendi eu ? Justamente da phalange acaudilhada pelo sr. Paulino, naquella memoravel campanha contra o ministerio Rio Branco, em que a minha alma palpitava com o governo, mas não podia evitar seus arrepios de admiração, ante a attitude heroica dos Andrades Figueiras, na sessão immortal em que os balaustres da camara dos deputados armaram os punhos aos oradores opposicionistas contra a lei de 28 de setembro.

Ovidio, na sua *Arte de amar*, poz leis que eu julgava endereçadas exclusivamente ás emprezas do amor. Contra as deidades difficeis aconselhava aos pretendentes uma submissão absoluta. Queria-os espelhos servis dos caprichos das esquivas :

*Arguet, arguito ; quidquid probat illa, probato ;
Quod dicet, dicas, quod negat illa, neges.
Riserit ? arride, si flebit, flere memento !
Imponat leges vultibus illa tuis. (*)*

Teria a justiça conservadora adoptado, para entre os que commungam das suas crenças, o codigo da vaidade feminil ? Mas então não é entre os conservadores sérios que ha de encontrar essa especie de lamechas, para incensal-a de mentirolas e bajoujices.

Não têm os meus co-religionarios força para escutar a voz da verdade ? Si a têm, mais lhes aproveita ouvir-a aos de casa.

Póde, pois, reflar-me a dentuça quem quizer. Eu irei meu caminho.



(*) *Ars amandi*, l. II, v. 199 - 202.

O *Brazil*, sim, é que nos anda a educar mal.

Nos grandes, como nos pequenos traços, a tortuosidade constitue o caracter da sua direcção politica. Ora, não é nesse exercicio debilitante da tempera moral que se hão de preparar os partidos em opposição.

De cada vez que foge a uma questão por uma tangente, ou procura tapar um facto com um sophisma, diz talvez lá de si consigo, como a feiteiceira da farça, entre as diabruras do officio :

*Isso, Senhor, não é mal,
Pois é para fazer bem. (*)*

Mas estas nigromancias, na imprensa, são de mau effeito.

Indicára eu ao *Brazil*, como informante idoneo acerca das prendas intellectuaes e moraes do desembargador Japy-assu, o sr. barão de Cotogipe. Como se sae elle ? Fazendo orelhas de mercador, e reguingando-me de lá :

— Querem saber si o desembargador Barbosa de Almeida não é honrado e *habilissimo*, recorram ao sr. Ruy Barbosa.

Ora, este escape é desgraçado.

Primeiramente, notem. Para desvanecer entre os meus amigos prevenções injustas contra um magistrado liberal, remettera-os eu a quem ? A' mais insuspeita das fontes : a *um chefe conservador* : ao barão de Cotogipe. Os meus co-religionarios não poderiam resistir ao valor desse testemunho.

Agora, como me responde o *Brazil* ? Enviando-me, para buscar noticias do desembargador Luiz Antonio, outro magistrado liberal, á mais incompetente das fontes : ao sr. Ruy Barbosa, duas vezes suspeito : como liberal e como parente.

Suppondo, pois, que eu formasse deste desembargador juizo menos benevolo que o *Brazil*, a attestação do co-religionario e do sobrinho não me offerecia credibilidade sufficiente para me alterar o conceito.

Nem sei a que vem o consignarem-me ao sr. Ruy Barbosa. Este deputado grulhador, heresiarcha impenitente, liberal apaixonado, impetuoso, intransigente, esquentadito, cabeçudo nas

(*) GIL VICENTE : *Obras*, vol. III, p. 94.

opiniões como no physico, com o seu *quê* de caturra nos geitos de partido como no corpo, não póde cair em graça a conservadores da velha rocha.

Depois, onde neguei eu a desembargador nenhum as qualidades de *habilissimo e honrado* ?

O caso é outro. Temos deante um acórdão : seis juizes vencedores, quatro vencidos. Admitto indifferentemente que os dez sejam, todos no mesmo grau, honrados e habeis. Não ha nisso difficuldade : as questões de direito e de facto podem dividir os tribunaes, sem que de parte a parte, entre os votos divergentes, se falte á honestidade, ou se dê cópia de fraqueza mental.

O que eu não vejo razão para aceitar, é que os quatro nos devam merecer mais credito que os seis.

Agora, como procede o *Brazil* ? Sem conhecer a lide, confere á opinião *dos quatro* o premio da intelligencia e da honra, e á *dos seis* enloda com o epitheto infamante de « *crápula* ».

Si o *Brazil* se limitasse a averbar de *erro* o acórdão, não lhe acharia eu fundamento ; mas innegavelmente era um direito seu o que elle exerceria.

Para stygmatisar, porém, de *prostituição* a sentença, é mister reservar á minoria vencida o privilegio da probidade e do talento, e recusar de todo á maioria preponderante a competencia profissional e a moralidade.

Como explicar a gratuidade de uma injuria tão brutal ?

E onde os fóros de moderação conservadora possiveis a uma imprensa, que estende aos tribunaes superiores do paiz a qualificação de infimo opprobrio, com que se designa a vida intima dos lupanares nas suas scenas mais cynicas ?

..

Arremangar-se não é discutir ; e muito menos quando contra entidades veneraveis, como a justiça nacional, é que o polemista arregaça as mangas.

Mas o systema de *servir de punho secco* aos tribunaes, quando as suas decisões lhe offendem os interesses, não encerra, talvez, maior grau de indecencia que o de *morder e soprar*, exercitado pelo *Brazil* para com a corôa.

Está no seu papel a folha conservadora, quando escreve como no dia 2 de dezembro.

Esquece-o, porém, lastimosissimamente, quando, como no editorial de 11 de novembro, usa com o chefe do Estado insinuações que o desacatam, qual esta :

« O sr. desembargador Bellarmino não procederá assim, si não houvesse recebido *conselhos valiosos e decisivos* de que o seu acto, descobrindo totalmente o gabinete, e deixando-o nú na praça publica, *não constituia, entretanto, obstaculo á sua carreira e ao seu nome.* »

Esta supposição, immoral e inepta até á mais beocia puerilidade, reproduzida, nas columnas da *Gazeta de Noticias*, em cartas firmadas por um moço fidalgo da casa imperial, a quem *Swift* saudou *prefeito do futuro*, attribue ao primeiro magistrado do paiz a figura de um intrigante de baixa estofa, que descesse até á miseria de seduzir os funcionarios de confiança do governo a trahirem escandalosamente os vinculos da subordinação e da honra.

Não houve, nesta terra, espirito a quem essa comadrice não enjoasse.

Ainda ha poucos dias, porém, o *Brazil* reincidia na acção má.

Reffiro-me ao editorial, onde, para dar o ultimo toque ao painel das tribulações da actualidade, que os meus amigos pintam em artigo de morte, última as suas observações com estas palavras :

« O sr. Sinimbú é um monarchista dos mais arreigados sentimentos ; e, bem que tenha-se retirado do poder com a popularidade e a estima publica para sempre perdidas, comtudo ultimamente tem sido visto, *em horas improprias de complimentos officiaes, tomar o paço de S. Christovão, e ahí permanecer em conferencia reservadissima por largo tempo.*

« Irá dar conselhos ? Fazer avisos ? Offerecer-se para o perigo que se approxima ? *Beber inspirações ? Receber ordens ? Precipitar a crise ?*

« *Eis a duvida ! Eis o mysterio !...* »

O publicista que teceu este enredo, não tinha o direito de encher de aromas a caçoila no dia seguinte, para thurificar a Sua Magestade, dobrando-lhe o espinhaço nesta mesura :

• A longa e esclarecida experiencia do Imperador é hoje o penhor da maior confiança de todos os brasileiros. »

Que significa essa *duvida*, esse *mysterio*, que o *Brazil* deixa paír sobre a cordialidade entre as relações da corôa com os seus ministros ? essas conferencias confidenciaes, em que um cidadão alheio ao ministerio vai ouvir *inspirações*, receber *ordens*, e industrializar-se nas artes de precipitar uma *crise* contra os conselheiros constitucionaes do monarcha ?

Si os vocabulos têm algum sentido, este, na especie, argüe o principe reinante de conspirar contra os seus ministros.

Sob um Jorge III essa mazella tinha a sua escusa na degenerescencia de um cerebro, de que a loucura lentamente se asenhoreava.

Mas, para um principe cuja intelligencia os annos ainda não combaliram, a suggestão que o aponta confidenciando com amigos particulares traças de ruina contra o gabinete, é a mais dolorosa e, no caso vertente, a mais injusta affronta que pôde tocar a dignidade do throno e o caracter publico de um rei constitucional.

Muito se deve ter corrompido o sentimento politico, muito pervertidas hão de estar as noções moraes, para que uma folha com ares de orgão de partido, acredite que a ponta de taes farpas acerta nos ministros, e deixa incolume o soberano.

Fôra preciso ter por verdade corrente que a boa fé leva ao ridiculo, e a perfidia á admiração.

Desta sorte o *Brazil* vae-nos fazendo mais damno que os nossos adversarios. Não porque nos indisponha, em qualquer esphera de acção, com as influencias naturaes do governo ; mas porque nos amesquinha, nos infantilisa, aos olhos do paiz.

Nada nos pôde ser mais funesto do que essa depreciação, operada pelos desasos de quem se pretende o nosso procurador commum no jornalismo.

Ser o interprete geral de um grande partido não é missão facil. O papel exige desembaraço, senhorilidade e firmeza de tacto.

Mal do representado, si os movimentos do representante se revelarem tolhidos pela grandeza do encargo, e o titulo lhe

pesar, frouxo, inchado, incomportavel, como a vestidura do gigante, de que falla Shakspeare, nos hombros do anão que a pillhou :

*now does he feel his title
Hang loose about him like a giant's robe
Upon a dwarfish thief. (*)*

*
*
*

Cá no meu entender, os que tão leve têm a mão e a lingua em cevar na corôa os seus despeitos, esses é que se distanciam das condições do governo sob a monarchia.

Não ha parvajola ahí, que se não divirta com o republicanismo do Sr. Lafayette.

A surrada, encorreada e esfarpelada imagem do *barrete phrygio* sorri, todas as manhãs, juvenil sempre, a esses senhores, como aos poetas de meia escudela a *aurora dos dedos rosados*.

Publicista que acordou com o cerebro escorropichado pelo esforço da vespera como galhetas de igreja pobre confiadas a sacrista guloso, ahí o vereis logo encarapitar na primeira tira de papel a esfolada carapuça ; e temos artigo feito.

Eu, porém, emquanto me não convencerem de que confessar-me conservador importa o mesmo que me constituir em arca de disparates, não estou disposto a zangarrear na mesma banza o estribilho que incompatibilisa os republicanos com os cargos politicos, nos governos constitucionaes.

E, como estou de accôrdo com o *Brazil* em que, em materia de negocios publicos, as theorias não são nada, e a observação dos factos é tudo, dos factos exclusivamente me servirei para mostrar que a ignorancia, nos vulgarisadores dessa proposição, se estende até esbeigar com o ridiculo.

Transportemo-nos por instantes áquelle, d'entre todos os paizes do mundo, onde o throno é mais amado: a Inglaterra.

Charles Dilke, um dos politicos mais eminentes daquelle paiz, causou profunda sensação, agredindo, n'uma conferencia publica, em 1871, a administração da lista civil pela rainha, e declarando-se *republicano*, poucos dias depois, n'um discurso proferido em Bristol.

(*) SHAKSPEARE: *Macbeth*, a, V, sc. II, v. 20.

Tanto bastou, para que, no decurso desse outono, Dilke viesse a ser « o homem mais coberto de ridiculo em toda a Inglaterra. » Dia por dia o seu nome era o pasto de todas as gazetas. Por muitas semanas monopolisou, em todas as folhas, os artigos de fundo. Os jornaes comicos caricaturaram o « cidadão Dilke. » O theatro burlesco chasqueou-o em toda a especie de truanices. Os correspondentes americanos perseguiram-no de entrevistas, e indigitaram-no, mais ou menos maliciosamente, como o futuro presidente da republica ingleza. A sua viagem pelo norte foi acompanhada de tumultos por toda a parte, e custou não poucas vidas. Periodicos europeus houve, que qualificaram essa excursão como uma especie de guerra civil. Tendo o principe de Galles adoecido; Dilke foi denunciado por varios oradores como um monstro de deslealdade, que escolhera por ensejo asado para assaltar o throno a molestia do herdeiro presumptivo da corôa. A indignação publica, em summa, explodiu sob todas as fórmas contra a temeraria profissão de fé do intemerato subversor.

Desafiado então a repetir na camara dos communs as idéas que expendera nos *meetings*, Dilke, aos 19 de março de 1872, tomou a palavra, para chamar a attenção do parlamento sobre a gestão irregular da lista civil. Depois de uma réplica violenta de *Gladstone*, succedeu-lhe na tribuna Mr. Auberon Herbert, sustentando a bandeira republicana, hasteada por Dilke. Começaram os murmúrios e assobios; e, como o orador proseguisse, centenas de deputados deixaram em massa os seus logares. Como persistisse ainda, a camara lançou mão de outros recursos. Tres vezes, em dez minutos, se contou, a requerimento de um membro, o numero de communs presentes. Como a nova tactica não surtisse effeito, um representante declarou divisar na galeria pessoas extranhas á camara; e, consequentemente, na fórma das leis daquella assembléa a esse tempo, evacuaram-se as galerias. As interrupções não cessaram de crescer, até renovarem a celebre scena de julho de 1835, em que lord Brougham chegou a comparar a camara dos communs a *um pátio ou viveiro de animaes (a menagerie)*.

Das partes menos altas do recinto começou a levantar-se um clamor continuo e recrudescente. De todos os cantos partiam os sons mais confusos. Um accesso geral de tosse, intermeiado

de notas esternutatorias, invadiu o auditorio. Roncos, grunhidos, silvos, o cucuritar de uma infinidade de gallos em todos os tons, desde o baixo até o falsete, todas as vozes de uma criação de aves domesticas (*every farm-yard sound*), todas as harmonias de um estabelecimento zoologico encontravam-se, repelliam-se, multiplicavam-se, n'uma orhestração indescriptivel, n'uma vozeria diabolica, n'uma zoeira impossivel, n'um ingranteu tremendo. Dir-se-hia que a arca de Noé despejára alli a bicharia universal. A nata da sociedade ingleza, reunida naquella casa, convertera-se n'um ajuntamento de furiosos, n'um motim que, nas ruas, exigiria a intervenção da policia, n'uma ralé de espectadores de circo. Foi no meio desta corrimaça inaudita, desta vaia colossal, desta surriada historica, que a camara dos commons do Reino Unido acolheu o pronunciamento republicano de Dilke. (*)

Esse episodio, certifica o mais competente dos historiadores britannicos, « assignala a medida exacta do nivel dos sentimentos republicanos na sociedade ingleza. » (**)

Além de Mr. Auberón, apenas um deputado, em toda a representação do paiz, annua aos sentimentos de Dilke: era Fawcett. (***)

Pois bem:

Sir Charles Wentworth Dilke, o alvo daquellas apupadas, é hoje *membro do gabinete Gladstone*, conselheiro da rainha, como *president of the local government Board*. (****)

(*) A descripção desta scena encontra-se por miúdo, em animadas narrativas nas obras seguintes:

— GEORGE HENRY JENNINGS: *An Anecdotal History of the British Parliament, compiled from authentic sources*. New-York, 1881, Pag. 473 — 4.

— BARNETT SMITH: *The Life of the Right Honourable William E. Gladstone*. Pag. 431 — 3.

— JUSTIN Mc. Carthy: *A History of our own times* (Leipzig, 1880) Vol. V., pag. 97 — 8.

BARNETT SMITH (*op. cit.*, pag. 432) classifica esse espectáculo como *probably unexampled*, provavelmente sem par, na historia da camara dos commons.

(**) Mc. CARTHY, *op. cit.*, vol. V. pag. 98.

(***) *Ibid.*

(****) Casualmente me veio ás mãos, já tarde, uma folha de S. Paulo, onde, numas *Cartas Fluminenses*, se me deparou a mais formal contestação á minha affirmativa, quanto á declaração republicana de Dilke em 1871.

O correspondente á que se devem aquellas missivas, depois de mimosear-me com o epitheto de *cabegudo* (insigne falta de generosidade para com um adversario, como eu, que á cabeça dos seus antagonistas ainda não quiz medir nem as orelhas, orgão, n'alguns, de tamanho relevo) assevera que « *Dilk* » nunca se pronunciou republicano, mas simplesmente radical, como *Bryth*.

Henry Fawcett, o co-religionario que o acompanhou naquella inolvidavel sessão, occupa tambem um dos logares no ministerio actual, como servidor da rainha, na qualidade de *Postmaster General*, ministro dos correios.

Não admira estropiar assim a historia ingleza quem desse modo esfolia a propria orthographia dos nomes mais notaveis.

O *Dilke* do missivista, como o *Dilkes* do *Brazil*, ha de ser o *Dilke* a quem me refiro, ministro hoje no gabinete Gladstone, como o *Bryth*, chrisnado assim pelo meu antagonista, supponho que será o *quaker* e *freetrader* *Jonh Bright*, ex-ministro no mesmo gabinete.

Já se vê que a orthographia do meu desmentidor é puramente de orelha. Pois não menos de orelha é a noticia historica das coisas inglozas, que elle revela. A orelha parece a feição característica naquelles escriptos.

Vão ver :

Já que não bastam as circumstancias, os nomes, as datas, os pormenores do pessoas, logares e tempos, com que deixei sellada a authenticidade da minha narração, recorrerrei ás autoridades mais cabaes e recentes acerca da historia contemporanea do parlamento em Inglaterra.

A primeira autoridade que invocarei, é a de :

G. BARNETT SMITH : *The life of the right honourable W. Ew. Gladstone* :

Diz elle : « Sir Charles Dilke produziu consideravel sensação, primeiro aggreindo, numa conferencia feita em Newcastle, a administração da Lista Civil pela rainha, depois confessando-se republicano (AVOWING HIMSELF A REPUBLICAN), num discurso proferido, alguns dias mais tarde, em Bristol. » (Pag. 423.)

Esses factos pertencem ao anno de 1874. Em 1872 Dilke annunciou uma moção com respeito ao mesmo assumpto.

Por essa occasião, diz (*Op. cit.*, pag. 431) o biographo do actual primeiro ministro da rainha, « lord Bury perguntou si o juramento de lealdade á realoza (*allegiance*) e a declaração, enunciada por sir. C. Dilke em Newcastle, de que era republicano (SIR. C. DILKE'S DECLARATION AT NEWCASTLE THAT HE WAS A REPUBLICAN), não seriam inconciliaveis entre si; ponderando que a moção em debate era um modo especioso de reíterar a mesma declaração (A COLOURABLE METHOD OF REPEATING THAT DECLARATION).

Foi Gladstone quem respondeu, numa inflammada oração, ao discurso de C. Dilke. E em que termos o fez ? Stygmatisando-lhe (*Op. cit.*, pag. 431) « o infeliz discurso do Newcastle, em que aquelle deputado associava ominosamente a questão da Lista Civil á proposta de mudar a fórma de governo do paiz (WITH PROPOSALS TO CHANGE THE FORM OF OUR GOVERNMENT). »

Pego de outro livro não inferior em autoridade, a *Historia dos nossos tempos* (*A History of our own times*. Leipzig, 1880), por JUSTIN MC. CARTHY, e ahí encontro, não menos explicitamente, as duas manifestações republicanas de sir. C. Dilke. Transcreverei poucas palavras.

Quanto aos meetings populares, eis o testemunho do celebre deputado irlandez :

« Os operarios de Londres e do Norte congregaram-se em grandes assembléas, para exprimir a sua annuecia aos principios, ao procedimento de Dilke, e adoptar resoluções em apoio do baronet que ousara condemnar os desperdícios da realoza, e DECLARAR-SE REPUBLICANO (and avow himself a republican.) Muitas pessoas realmente chegaram a persuadir-se de que o movimento para o republicanismo, em Inglaterra, encontrara afinal o seu chefe. » (Vol. V, pag. 96.)

Alludindo ao debate, na camara dos commons, acerca da moção Dilke, escreve Mc. Carthy :

« A discussão foi especialmente notavel, por assignalar á justa o nivel do sentimento republicano na sociedade politica ingleza. Tres membros da camara dos commons patentearam a sua preferencia de opinião pela fórma de governo republicana (*their preference for the republican form of government*). Foram : SIR C. DILKE, Mr. AUBERON HERBERT e o professor FAWCETT (*Ib.*, pag. 98).

Tenho ainda ante os olhos os *Annals of our Time*, de JOSEPH IRVING (London, 1880), e ahí, na parte do supplemento referente ao anno de 1874 (pag. 44), so me depara igual affirmativa :

« Sir Charles Dilke, num discurso em Bristol, DECLAROU-SE REPUBLICANO (*declared himself a republican*).

Suppor que, em face de taes documentos, o meu contradictor persistisse na denegação, fóra attribuir-lhe ou seriedade de menos ou orelha de mais, — injustiças uma e outra a que não quero subscrever.

E, até ao dia de hoje, não houve ainda, em toda a imprensa de Inglaterra, desde o *Punch* até ao *Times* e a *Quarterly Review*, não houve, entre quantos têm escripto livros sobre a politica daquelle paiz, quem visse nesse facto uma apostasia, uma incongruencia, uma fraqueza, o minimo motivo de reparo...

Porque ?

Porque, nos governos parlamentares, o cargo de conselheiro da corôa não é senão o de commissario do parlamento e porta-voz, perante o throno, das vontades do paiz na administração de si mesmo.

Quem, em assumptos de regimen constitucional, ainda se não penetrou destes rudimentos do alphabeto, em vez de metter-se a redactor de folhas, siga a antiga lição :

*O melhor da festa
É achar sizo e calar. (*)*

Estamos nós em uma autocracia, para que a posição de ministro seja uma graça imperial ?

Somos nós mais monarchistas do que a Inglaterra? Mas as mais francas manifestações republicanas se têm pronunciado, aqui, nas duas camaras, sem turvar um instante a serenidade dos debates parlamentares, e, no senado, até com satisfação de *conservadores*.

Perience, entré nós, aos monarchistas o monopolio da intelligencia, na apreciação dos interesses ordinarios do paiz ? Serão os republicanos cidadãos menos bons do que elles ?

Quem tiver a coragem de responder pela affirmativa a essas interrogações, arremesse o calhão ao Sr. Lafayette.

A crista desses topetudos essa é que reclama um *barrete* ; mas que não ha de ser o *phrygio*.

O bom senso publico que lh'o escolha, no arsenal pedagogico dos mestre-escolas de outros tempos.



(*) GIL VICENTE : *Obras*, vol. III, p. 138.

Eu, no caso dos meus amigos, em vez das personalidades ferinas, de que a sua imprensa se vai nutrindo, dava-me a estudar as questões de interesse patrio.

Isso, para não fazer, como o *Brazil*, a figura da velha Brazilia Dias, no theatro do Plauto portuguez.

A boa da curandeira, o remedio que aconselhava aos doentes, para salvarem a vida, era *fazerem por não morrer* :

..... de manera
Que para dalle la vida
Es menester que no muera. (*)

Contará o *Brazil* restituir saude á nação com o mesmo récipe ?

15 de dezembro de 1883.

(*) *Ibi.*, p. 315.

III

O *Brazil* entre as almas do outro mundo.— Cavallo de sella e asno de carga.— Uma figura biblica.— Consciencia do gatos lambazes.— Nize e Ignez da Cunha.— Espicha de aprendizola em bocca de mestraço.— O *Brazil* e os caposiras.— Grammatica, pelo amor de Deus!

* * *

Escreveu o *Brazil* esta semana um editorial sem sabor politico nenhum, tão sómente com o intuito de moldurar em dois tercetos de Dante o vulto do sr. Lafayette, em acto de despachar, no outro mundo, miseros condemnados a penas irremissiveis.

A parturição, evidentemente laboriosa e afflictiva, de um tal simile deve ter dado bastante que rir á malicia do sr. presidente do conselho. E, para quem pretende ter espirito, e levar á zombaria o adversario, maior caiporismo não ha, do que ver ricochetar a chança, e desfazer-se o epigramma em riso de ironia nos labios do inimigo.

Nesse quadro « do inferno politico », imaginado pelo *Brazil*, nada me impressiou tanto como a posição resignada e confessa do contemporaneo na estancia dos mortos, entre as sombras dos que viveram.

Longe o infando agoiro !

A analogia entre o inalteravel sr. Lafayette e o tremendo sentenciador do segundo circulo dantesco é a mesma do *ovo com o espeto* !

O chefe do ministerio 3 de julho, « a personificação da inercia, o septicismo traduzido na sua fórma mais glacial », o homem que vive a chasquear finamente os seus antagonistas, no sabio congresso dos senadores, em latim que lhe não preebem senão vinte e

quatro horas depois, leve-me o diabo si eu entendo onde é que lhe começa a parecença com o caudato, horrendo e truculento juiz cujo ringir de dentes enchia de terror as paragens negras da morte :

Stavvi Minos orribilmente, e ringhia. ()*

Si eu, por um requinte de *gosto* litterario, que o contemporaneo não teria a maldade de levar-me a pedantismo, commettesse a crueza de ir buscar-lhe uma semelhança do mesmo genero na *Comedia* do yate florentino, certamente o *Brazil* não me toleraria o despropósito de comparal-o ao nefario guarda-portão do circulo maldito, reservado pelo poeta á expiação da gula. Realmente, os olhos chammejantes, a barba esqualida, a triplíce guela, o ventre amplo, as garras implacaveis ficavam-lhe de um comico abominavelmente injusto e enxabidissimamente grotesco.

Entretanto a estranha fera, que

*Con tre gole caninamente latra
Sovra la gente, (**)*

dá a pensar nos habitos de quem não faz senão vozear e barregar em despeito alarido, sem outra victoria senão o fracasso de palavões estoirazes, que aos espiritos frios e sem phantazia, como o sr. Lafayette, hão de fazer sorrir como ás gerações positivas de nossos tempos a ingenua creação do monstro ladrador nos versos do poema italiano.



Ora, realmente, que é o que o *Brazil* tem conseguido mais do que estrepitar todas as manhãs contra o governo em matizada vã ?

Não ha mais de dez dias o pretenso orgão conservador resenhava uma serie de provincias, em cujas eleições via motivo para entoar hymnos de triumpho.

E, entretanto, já hontem, no seu artigo de fundo, escrevia, desmentindo-se a si mesmo :

(*) DANTE : *Inferno*, c. V, v. 4.

(**) *Ib.*, c. VI, v. 44.

« *Em todas as provincias as ultimas eleições deixaram as parcialidades politicas com forças quasi iguaes na representação provincial.* »

Alludindo á que nos está convizinha, rejubilava, effundindo a alma nestas esperanças :

« Aqui, no Rio de Janeiro, as urnas têm de proferir em breve sua decisão, e tudo ha que esperar da abnegação do partido conservador. »

Isto era a 11 do corrente. Poucos dias depois o partido conservador, scindido, indisciplinado, acephalo, sahia das urnas em debandada, sob a humilhação de um desbarato estrondoso.

Pois que outro qualificativo daremos ao resultado eleitoral do dia 16 ?

Em que outro sentido o encarará o paiz ?

Segundo o que se apura das noticias publicadas pelo proprio *Brazil*, o primeiro escrutinio distribuiu por igual a eleição entre os dois lados.

Mas os meus amigos podem-se considerar em situação inferior ; porque, d'entre os alistados na sua fileira, um, o dr. Abreu e Lima, já o Sr. Thomaz Coelho, com annuencia formal do *Brazil*, o indigitou hontem como connivente e primeiro beneficiado nas actas de Santa Rita e S. Sebastião, que a folha conservadora teve a habilidade inimitavel de apressar-se em averbar de falsas, enxovalhando o co-religionario divergente.

Não é tudo.

O 4º districto, o do quartel-general, o do chefe, o que, ha dois annos, coroou o illustre sr. Paulino, aquelle onde a bandeira havia de sobrancear mais alto, e tremular mais cheia, deixou cair, trapeando, envergonhado, o pavilhão glorioso que cobrira a nossa victoria na eleição passada.

Dois liberaes alli, pois, e um só dos nossos.

E não me querem indignado !

Nem pára nisto a humilhação.

No 7º districto, o sr. Alberto Bezamat, o eleito, nos altos conselhos do chefado, para succeder, na camara temporaria, ao sr. Almeida Pereira, — excluido, adiado para o 2º escrutinio ; preterido, não só por um co-religionario, mas por dois liberaes !

Na eleição geral, para lhe explicar a derrota, affirmou-se que a preponderancia da candidatura liberal se devia a recursos conservadores, a relações particulares, a alianças domesticas. Espera-se a contraprova; e agora, que não entrava no pleito o nome do sr. Elias de Moraes; agora, que, portanto, os conchavos de familia não suffragaram os nossos antagonistas, o pronunciamiento das urnas confirma, reitera, accentua o nosso revez, rejeitando segunda vez o candidato conservador de então, e conferindo aos nossos adversarios duas cadeiras na representação da provincia, enquanto a nós apenas uma nos coube.

E não me levam a bem que me ferva o sangue contra os culpados nessa immerecida conculcação dos nossos brios?

As tres circumstancias que acabo de frisar, imprimem ao nosso desbarate na provincia do Rio um relevo, que me faz ir a cara aos pés.

Mas, ainda que dellas abstrahissemos, a vantagem dos nossos oppugnadores é innegavel. Hontem eramos, naquella assembléa, uma poderosa e ampla maioria; os nossos adversarios, minoria acanhada e impotente. Hoje, o primeiro escrutinio deixa-nos absolutamente niveladas as forças, si é que se não deva eliminar desde já do nosso activo o dissidente, a que, de mais a mais, a denuncia do sr. Thomaz Coelho, subscripta pelo *Brazil*, atirou de publico um solemne ponta-pé.

A gente liberal, pois, conseguiu, por esta vez, desbancar-nos. Cumpre fallar assim; porque é da consciencia da nossa ruina que nos ha de vir a tonificação das forças perdidas. Pataratear de vencedores, quando o destroço nos pesa sobre o animo e os interesses com todas as suas consequencias calamitosas, é imitar a basofia paraguaya das celebres ordens do dia, que, na campanha do Prata, por tantas vezes provocaram contra as hostes tumultuarias do selvagem dictador o riso, a indignação, ou a piedade. Um presidio desmantelado, um exercito batido não se restauram a poder de paparrotagens tolas.

Verdade seja que o *Brazil*, adepto, já se vê, do pataratismo hespanhol, sem faltar ao aprumo com que sóe dizer-se, e contradizer-se no mesmo diapasão, vem declamar hoje:

« A representação dos partidos nas respectivas assembléas « não guarda proporção com o verdadeiro estado de forças de cada um.»

E adiante :

« O systema eleitoral em vigor *forçosamente dará este resultado em toda a parte.* »

Mais :

« Dado este methodo de eleição, infallivelmente os partidos *se têm de equilibrar* nas assembléas, *qualquer que seja a sua força nas provincias.* »

E emfim :

« Deve-se contar que justamente o eleitorado mais numeroso desperta maior numero de pretensões, ou candidaturas, e é de mais difficil direcção, mesmo porque muito presume das suas forças. »

Não, senhores, estas sancadilhas agora vêm tarde ! Depois da quêda, é preciso suppôr cretinizado o circulo dos seus leitores, para tental-o intrujar com razões de cabo de esquadra.

O *Brazil* (já não é a primeira vez que lh'o diagnosticamos) padece de um enfraquecimento crescente da memoria que apparentemente orça já pela quasi extincção desta faculdade. Mas o publico não soffre da mesma amnesia, e não póde, portanto, esquecer que poucos dias antes dos comicios eleitoraes, o *Brazil* (a 11 deste mez) caracterisava o alcance da luta que se ia travar, nestes termos indeleveis :

« A renovação do mandato legislativo provincial é um criterio *para se julgar dos rumos novos que a opinião publica e a vontade nacional aspiram tomar.* »

Esse *critério*, portanto, quem o firmou ? Quem lhe exaltou a importancia ? Os pindaristas do gabinete ? Os incensadores da actualidade ? Não. Foi o *Brazil* quem affixou esse cartaz a rufo de tambores. Não sente, pois, que se desautorizou para vir affirmar agora, ante um resultado esmagador para as nossas esperanças, que a provincia do Rio « fiel sempre ás mesmas tradições de espirito partidario, *é essencialmente conservadora ?* »

Pois o *critério* arvorado pelo *Brazil* aos 11 do corrente, para aferir a popularidade dos partidos empenhados no pleito, oito dias mais tarde tinha perdido, aos olhos da folha conservadora, a autoridade, a que *ella mesma*, por espontanea iniciativa sua, o dignificava ?

Bastou que os ventos nos não soprassem de feição no Rio de Janeiro, para que o *Brazil*, no dia immediato, bradasse :

« A eleição não passa de um acto *desordenado e confuso*, cujo resultado é sempre uma *sorpresa e um desconchavo*. »

Entretanto, no mesmo editorial, uma columna antes, o mesmo articulista confessa :

« *E' prematuro* predizer a *posição e força* dos partidos nas provincias em que ainda se não effectuou o 2º escrutinio. »

Misericórdia ! Este desmemoriamento revela um estado profundamente doentio do encephalo. Pois haverá, a não se admittir uma lesão da substancia cerebral, jornalista que, á distancia de alguns paragraphos apenas, enuncie aquellas duas contradictorias formas ?

Si o segundo escrutinio é um tecido «*de sorpresas*», e converte o eleitor em «*peça inconsciente do xadrez eleitoral*» (palavras do *Brazil* nesse artigo), que valor lhe cabe no apreciarmos a posição e a força reciproca dos partidos ?

Si, pelo contrario, o 2º escrutinio encerra esse valor ; si o 2º escrutinio é elemento capital para discernir a influencia e situação respectiva dos partidos, como capitular-o em jogo de azar, e arguil-o de destruir a autonomia do votante, rebaixando-o a instrumento inerte de mancommunações corruptoras ?

Não ha fugir.

De duas uma : ou reconheceis que o 2º escrutinio é capaz de intelligencia e liberdade ; ou, si lh'o negais, haveis de refugal-o como elemento verificador na confrontação das forças entre os partidos.

As duas asserções, simultaneamente, são incompativeis.

Como quer que seja, porém, essa critica do systema vigente, essa *sangria em saude* contra o 2º escrutinio, redunde, fique certo o *Brazil*, em pura perda de tempo. O publico só uma coisa vê : a nossa derrota no 1º, derrota que o 2º [provavelmente] aggravará.

Este desastre, a quem o devemos ?

Exclusivamente, não pôde haver duvida, á direcção que vai tendo o partido na provincia, e que o *Brazil* personifica na imprensa.

Haverá ahi quem o conteste ?

Na legislatura passada eram os liberaes um terço, si me não enganô, da representação provincial.

E não tinhamos orgão na praça, quando colhemos essa palma.

Hoje temos pendão desfraldado na rua do Ouvidor, caixa e clarins do *Brazil* todas as manhãs, estado-maior formado para a batalha, e espichamo-nos chatissimamente, vendo os adversarios competirem connosco, e talvez arrebatarem-nos a maioria de que a fortuna da provincia tanto esperava.

Quem, si não o *Brazil*, com a sua politica, o réo desta desgraça ?

Longe de prosperar, desmedramos ; longe de aliciar novas adhesões, perdemos as antigas ; longe de solidar a confiança adquirida, vemo-nos desapossados daquella com que conquistámos essa superioridade, pesadelo dos nossos inimigos.

Tudo aniquilado, esvaecido tudo, sob a chefia do *Brazil* ! E esta folha quer ter o direito de viver !

Saiba desaparecer ao menos, para que nós não nos sumamos de todo, nós o partido que elle tem victimado á sua impericia, á sua irreflexão, á sua dubiedade, á sua camarilha.

O que fomos antes delle e o que somos hoje á sua sombra !

Imprensa para taes fructos, melhor é não tel-a.

Bem podiamos aqui dizer com o réfrão de outros tempos :

*Mata o cavallo de sella,
E bom é o asno que me carrega. (*)*

O que se quer, é quem nos conduza á victoria, e não nos leve de lameiro em lameiro, corridos e enxovalhados.

Eu, em taes casos, prefiro a quaesquer genios a burra Balaam.

Animal seguro na jornada, fiel ao amo, temente ao Senhor, e que não fallou senão uma vez, em toda a sua vida, para mostrar que, n'uma difficuldade, mais vale um jumento de tino que um inspirado sem sizo.

A mim, em certas conjuncturas, não se me dava de propôr aos pharoeiros da opinião publica, como exemplo imitavel, aquella figura biblica.

(*) GIL VICENTE : *Obras*, vol. III, pag. 430.

Menos palrice e mais senso é o que eu pediria aos órgãos de partido.

Que o publico nunca os tome por Tartufos, e não possa dizer, escarnicando, na allusão popular : *Olhem o Frei Thomaz...*

Pois que serviço faz o *Brazil* aos seus credits, ao seu partido, ou ao senso commum, nesses estirões, com que nos amassa a pachorra todos os dias, a proposito de guarda nacional ?

Aqui, em confiança de amigos, essa attitude de criança amalhada, ávida de paparicar a cada momento com todos os que comem, a seguir com os olhos longos as gulosices da mesa onde lhe não dão talher, não lhe diz bem, acredite.

Essa postura de guleima enfadado não lhe fica decente.

Depois, a guarda nacional hoje, pobre engana-vista, perdeu absolutamente, com a reforma que a reduziu a um exercito de officiaes, aquella substancia de que tão á farta se repastavam outr'ora todos os partidos : nós, vós, elles.

Palhiço encho, desbagulhado, espoldado, deixou nas mãos dos antigos governos deste paiz essa massa nutritiva, de que se alimentaram á farta as situações arruinadas.

D'antes, por meio della, prendieis, opprimieis, vencieis, armaveis, e desarmaveis eleitorados, extorquieis das urnas o applauso servil a todas as politicas. Era uma immensa tarrafa eleitoral, em cujas malhas innumeraveis se embaraçava a população inteira, desde as ultimas até ás mais altas camadas.

Então nunca hesitastes, nunca ninguem hesitou em usar á larga desse arsenal, sortido de armas para toda a especie de tyrania, desde a que se exerce pela vaidade, até á que triumphava pela violencia bruta.

Hoje, quando a legislação vigente converteu os galões e chanfa-lhos dessa miicia sem soldados em ridiculas panoplias de um museu de curiosidades inoffensivas como as apostrophes academicas do *Brazil*, — é que são as santimonias, os biocos de honestidade indignada contra a prostituição do paiz activo pela guarda nacional.

A esses momos mal trejeitados de beata bisonha respondeu um apologista do ministerio: « Mas si não corrompemos os vossos... » Boca que tal disseste... « Réos confessos », refila o órgão da minha gente. « Tomámos nota: está consignado por vós que nomear um coronel é depravar um eleitor. » Bento frei Gerundio, em qual

recanto, no vasto seio de Abrahão, te estás esmoncando no lenço tabaqueiro das tuas glorias a tua logica de honrada lembrança ? onde, que me não acodes com a pitada de applauso á dialectica destes alumnos ?

Chegaram os reinadios foliões de mascara santa, alludindo ao coronelato de um cidadão respeitavel, o pae do sr. presidente do conselho, a zombetear que s. ex., « não tendo mais a quem corromper, corrompêra o autor dos seus dias. » Nem chiste, nem senso, e uma tal ausencia de todo o sentimento humano na pulha, que, si não enjôa, é porque entristece.

Ora, seja sério o meu amigo ! Não ha, neste paiz, cidadão tão alvar, que não tenha de certeza a disposição assente, em que o *Brazil* agora mesmo está, de fazer, logo que lhe derem o meio, os coroneis que puder.

Ninguem acredita na sua virginalisação.

As suas interjeições, as suas invectivas, os seus protestos induzem-me a pensar em uma historia, que a fabula muito veridicamente nos relata. O velhacaz e guloso do gato concebeu um dia a idéa de ser sobrio e consciencioso. Cahira-lhe nas unhas uma ave de pingue recheio. Devoraram-n'a, está claro, os da sucia, sem proposito, já se vê. Mas, depois de lamber, até ao tutano dos ossos, o gordo pitéo, reuniram-se em grave congresso, para deliberar si *deviam tambem roer o espeto*.

Escrupulos de consciencia os levaram a abster-se.

Eu publico o texto, para que me não acoimem de fantasista:

LOS GATOS ESCRUPULOSOS
Que dolor, por um descuido
Micifuf y Zapiron
Se comieron un capon,
En un asador metido.
Despues de haberse lamido,
Trataron en conferencia
Se obrarian con prudencia
En comerse el asador.
Lo comieron ? No, señor :
Era caso de consciencia. ()*

(*) FELIX MARIA SAMANIEGO: *Fabulas*.

Eu não quero ser aborrecido ao *Brazil*; mas mais pôde em mim a amizade que o gosto de prazentear.

Por que ha de o contemporaneo abalançar-se a aventuras ariscadas, fóra do campo das exigencias do seu mister?

Bem vai o official que sabe amar a sua sovella.

Colher a vela ás divagações, meu caro co-religionario!

Si não, veja-me cá este exemplo:

No artigo em que acclamou o nosso partido em defensor das assembléas provinciaes, « abastardadas pela politica liberal », aprouve-lhe florear o discurso com estas reflexões:

« Na época em que essas corporações foram creadas, e sobretudo na época proxivamente anterior, predominavam idéas de federação, de ultra-descentralisação, *não tanto administrativa, de que pouco se cogitava então, mas politica.* »

Erro, redondissimo erro, em que o contemporaneo se deixou engasgalhar deploravelmente, e que não prova senão uma coisa: o orgão conservador ainda não aprendeu a discernir *centralisação politica de centralisação administrativa*.

Será crível? Não o seria, si não constasse materialmente daquelle trecho.

Quaes eram, com effeito, as tendeneias dominantes, entre o liberalismo adeantado, durante o periodo que envolve a revolução de 1831, a regencia e o acto adicional?

Não ha quem o não saiba, e o proprio *Brazil* o registra. Eram as aspirações á fórma federativa, o culto pelo modelo que nos offerecia, radiante de um prestigio fascinador, a republica norte-americana. Para esse lado é que se volviam os olhos do radicalismo nascente, cujos homens mais esclarecidos iam beber naquella fonte os principios de uma democracia generosa, mas immatura. O celebre periodico de Madison, Hamilton e Jay, o *Federalist*, eloquente apologia da constituição dos Estados-Unidos, teve então traductores entusiastas e apaixonados leitores entre os homens mais eminentes da camada revolucionaria.

Affirmar, pois, que essa corrente se encaminhava para a *centralisação politica*, reconhecendo, ao mesmo tempo, que o seu norte era a *organisação americana*, é ver na constituição daquelle paiz a descentralisação politica, em vez de simplesmente a descentralisação administrativa.

Nada mais falso, nada mais elementarmente errado.

A idéa da electividade dos presidentes de provincia, aventada áquelle tempo, reabraçada mais tarde no programma radical, de onde passou ao republicano, foi provavelmente, para o *Brazil*, a origem dessa confusão imperdoavel. Tambem na União Americana são electivos os presidentes dos Estados que compoem a federação; e, não obstante, os Estados-Unidos constituem uma nacionalidade onde, a par de uma centralisação administrativa levada ao maximo extremo realizavel, « o governo é fortissimamente centralizado, a centralisação politica é rigorosa.

Duvida o *Brazil* ?

Pois escute a mais alta das autoridades no assumpto : a de Tocqueville.

« Não ha, nos Estados-Unidos », diz elle, « centralisação administrativa. Mal se nos depararam alli vestigios de hierarchia. A descentralisação foi apurada até um grau que nenhuma nação européa toleraria, a meu ver, sem profundo soffrimento, e que, ainda nos Estados-Unidos, produz effeitos perniciosos. *Mas, nos Estados-Unidos, a centralisação governativa existe no mais alto ponto.* Facil seria demonstrar que o poder nacional, nesse paiz, é mais concentrado que em qualquer das antigas monarchias da Europa.» (*)

E quem neste *a b c* ainda troca as bolas, ha de engalhardetar-se em orgão de partido !

* *

Já me mettem medo os editoriaes do *Brazil*. A principio muita epigraphe sonora, muito distico lustroso fez-me esfregar as mãos de gosto, prelibando voluptuosamente a alegria de ver aniquilada a peste liberal. Menos que pouco durou, porém, o meu contentamento. As decepções repetidas acabaram-me de todo com o prazer; de modo e maneira que, hoje, quando a minha illusão de todo se desfez, sinto exhalarem-se-me da alma, enganida de tristeza, os maus versos do poeta Cabral :

« E vejo emfim que aquella a quem eu punha
Acima das estrellas, é já agora,
Em vez de Nize bella, Ignez da Cunha.» (**)

∴

(*) *Démocratie en Amérique*, vol. I, pag. 445.

(**) Ver. C. CASTELLO BRANCO: *Cancioneiro Alegre*, p. 483.

Eis-me agora em presença de um capitulo longo e severo, que eu tinha feitozinho na mente :

— *O Brazil e os capoeiras.*

Vai, porém, longa esta sabbatina ; pelo que não me atrevo a encetar o assumpto.

Esperado para a vez seguinte, com o que não perderá em opportunidade nem sal.

Mas fique inteirado o publico das minhas intenções ; que não uso refolhos.

Proponho-me, no artigo proximo vindoiro, a demonstrar que a propaganda anarchica do *Brazil* celebrou alliança tacita com os interesses da capoeiragem, e que as verdadeiras conveniencias do partido conservador repellem esse artificio de guerra.

*
* *

O Brazil amuou commigo devéras. Não tenho, pois, o direito de pedir-lhe nada. Mas uma caridadezinha em alma christã não póde encontrar portas cerradas. Eu ouso...

E' o caso : lia ante-hontem um editorial do *Brazil*, quando embiquei neste barranco :

« O facto de *haverem* funcionarios, que dirigiram o ataque contra os revoltosos, não é razão... »

Não pude seguir. Retrocedi ; e esbarrei de novo. « *Haverem* funcionarios... », não, senhor, isto não é da redacção da folha, Typographos ! typographos !

Prosigo, pois ; senão quando, á meia volta, seis linhas abaixo : *seis*, contadas por mim, outro pedregulho :

« Ainda não se sabe quem são os culpados, de maneira que elogios *podem haver*, que nem ao menos attenuem as faltas. »

Oh ! instrucção primaria !

Não pude com o solavanco. Dobrei a gazeta, e aqui os exoro de mãos postas : Um pouquinho de grammatica, pelo amor de Deus !

Não é com os redactores ; isso não. Eu sei que um mais-que-perfeito fóra do seu logar faz-lhes enchaqueca e cheliques.

E' da revisão que me queixo.

Mas notem os amigos : com o primeiro tombo, dei aos diachos o compositor ; com a segunda barroca, volto-me contra a revisão ;

mas, si me dão com outro estadulho na cabeça, si me vem por ahí outro *haver* insultuosamente pluralizado, grito *aqui d'el-rei* contra os redactores, como elles contra os discursos dos ministros.

Não reconheço á opposição, nem admitto para os meus amigos o privilegio de estraçoar a lingua, e esfanicar a grammatica.

E foi o *Brazil* quem me deu o almiré com os seus lembretes ao governo sobre o uso dos preteritos.

Um diazinho de escola por semana para a gente de casa, não faz mal a ninguem. (*)

22 de dezembro de 1883.

(*) As aptidões philologicas do *Brazil* ainda a esse tempo não se tinham assignalado em toda a sua estupenda originalidade.

Foi tempos depois, que, em um folhetim poetico, sob a assignatura de *FARO* aquella folha descobriu o singular de *fêzes*, apostrophando assim a uma *traviata*:

Esta social doirada FEZ!

Para não ficar duvida sobre a intencionalidade da invenção, o terceto rima *fez* com *revez*.

Este *Brazil* é do diacho! Ha-de celebrar-se na historia anecdotica da imprensa.

Maio de 1884.

Salisbury.

IV

Ou o *Brazil*, ou o partido conservador.— Sciencia e lagartixas.— Mentir pede, ao menos, goito.— Desordem não depõe gabinetes.— Nova justiça.— Lexicologia original do adjectivo « mutuo ».— O capoeira idealizado.— « Sacra res », a capoeiragem.— Com o Instituto Historico.— *Prompto allivio* e acido prussico.— Livres por direito de conquista.— Ultima palavra sobre o gorro phrygio.— Panella desazada.



O *Brazil* desencadernou de todo.

Esta semana veio pedir contra a secção do *Jornal do Commercio* « que me honra com a sua hospitalidade, *um codigo especial, que salve a honra nacional.* »

O *Brazil*, que para os capoeiras reivindica o direito commum !

Amanhã reclamará contra a *Gazeta de Noticias* providencia igual, si o *humor* de V. insistir em desenfastiar-se debicando-lhe na pelle com a *calumnia inaudita* de que o que elle pretende, é unicamente o *poder*.

Tanto ainda não disse eu. O mais a que me tenho atrevido, é aconselhar-lhe que evite apparencias tendentes a incutirem no espirito publico essa conjectura maligna. E, todavia, que detonações, que fumarada, que chamma contra o coitado de mim !

Nem mais, nem menos que isto : « Intrigante, baixo, vil, ignobil, assalariado... e grammatico. »

Eu, grammatico !

Eu, que desde o meu nome sou a negação formal da lingua vernacula !

Não exaggere o meu co-religionario a sua santa ira pelos interesses da paz *da igreja d'Elvas* ao ponto de assacar-me tão in-
crível infração das conveniencias.

Grammatico, eu ? Não, senhor. Quem deu o exemplo dessa esdruxulez é o irritadiço confrade, embutindo-nos um fartão grammatical de muitos mezes, para convencer a Sua Magestade de como a responsabilidade ministerial, que, na opinião do amigo, exclue os actos do poder moderador, não pôde, todavia, deixar de abranger a revisão dos discursos dos conselheiros da corôa, e para induzir a nação á crença de que um ministro cujo revisor de provas escorregou n'um tempo de verbo, não pôde merecer mais a confiança dos representantes do paiz.

Naturalmente, vendo o contemporaneo trupar e trupitar mezes e mezes nesse bordão, eu, jurado inimigo dos grammaticões e das grammaticuices, eu, *barbaro*, indignei-me contra essa tentativa odiosa de grammaticalisar o Estado. A faria grammatiqueira do collega era grande. Que recurso ? Não vi outro, senão obrigar-o a engolir essas velleidades de syntaxe, garantu-jando-lhe na testa, com cinza de quarta-feira maior, o velho ditado: *Não se metta a forneiro quem tiver cabeça de manteiga.*

Bem se vê que a intenção era pia.

Agora por estas e outras venialidades, filhas de pura afeição, é que me ha de o amigo apedrejar ?

Accusa-me de thuriferar os ministros « com um incenso azinhavrado », « que rescende a interesse pecuniario. »

Sinceramente, não me argúe a consciencia desses amores pelo azinhavre. Si eu tivesse essa quéda pelo oxydo de cobre, tão avaro seria o co-religionario que me não liberalisasse uma parcellazita do seu azebre, e me deixasse mendigar aos meus inimigos os escorralhos da verba secreta ?

E o publico está vendo: o governo não carece de estipendiar thuribularios. O governo tem a sua justificação no *Brazil*. De mim para mim suspeito que a leitura desse periodico será, já hoje, parte essencial da hygiene matutina do sr. Lafayette. Depois do banho frio e da chavena de café, aquillo ! Está-me baco-rejando que, si com effeito a policia anda a semear dinheiro ás rebatinhas pela imprensa, não me tarda ahi á porta algum emissario da *prefeitura* (estyllo da *reforma policial*), subornando-me para advogar a perpetuidade e prosperidade do *Brazil*.

Não acredito mesmo que ainda não entrasse nas epigrammaticas machinações do illustre cultor dos satyristas latinos o pensamento

de subvencionar a folha inimiga, mandando-lhe augmentar a tiragem e o formato, para que não pereça, e dê mais á taramela.

Os meus papa-ratos é que s. ex. não allicia para essa traição ao meu pártido ; porque, no dia em que o sr. presidente do conselho se alliançar com o *Brazil*, para que este o descomponha mais á rasa, — nesse dia estou em opposição de exterminio ao gabinete.

Que embirre o *Brazil* em desaforar-me de conservador, pouco se me dá. Si essa gazeta leva as suas infidelidades para com a bandeira ao cumulo de capitular em « exageração partidaria » (quem o creeria ?) o proprio nome por onde nos damos a conhecer : o nome de *conservadores!* Leiam o editorial de 25 : lá estão averbadas com essa taxa as assignaturas de conservador e tory. Como nos iremos chamar d'ora avante, nós a militança das velhas ou novas patrulhas ? Corcundas ? Molambos ? Perú's ? ou como será ? (*)

Seria capaz de achar-me excesso, ou fatuidade na adopção do nome de *Salisbury*. Pois não ha tal. Não é vaidade; é modestia : a mesma modestia, graças á qual a redacção do *Brazil* se trata a si mesma por « illustrada. » O amigo ensinou-me a me titular lord por humildade.

« Qual o partidario », pergunta o *Brazil*, acoimando-me de embahidor grosseiro, « qual o partidario, que viria a publico aggre'dir o seu partido, os seus chefes, e aquelles que por elle trabalham, se expoem e sacrificam ? »

Tambem não creio que o haja. Mas onde, e quando magoei eu o partido conservador ? os seus chefes ? os seus lidadores sérios e desinteressados ? Porque e em que incorri eu nessa coima ? Unicamente por não travar contubernio com o *Brazil* ? Mas si precisamente o que lhe argúo, é que elle, em vez de sacrificar-se ao partido, sacrifica o partido a si !

Engrela-se, com grandes ares de melhor do que este seu criado, porque suppõe « exercer um direito *com a responsabilidade de um partido politico.* » Mas onde as provas dessa consagração ? Pois o co-religionario não conhece, não ouve, não vê, não tactêa todos os dias as provas do descontentamento que lavra entre os nossos, dos desgostos que a sua propaganda levanta ? A não ser o honrado e eminente sr. conselheiro Paulino, qual o chefe conservador que o não olha de revez ?

(*) Ainda a esse tempo o *Brazil* não inventara os *Folcacs*. (Maio de 1884.)

O cavaco do contemporaneo com os nossos pseudonymos e mesmo de caloiro lanzudo. Esmague-nos, brilhando : — eis o que se quer. Agora, increpar de mercenarios a amigos seus e a pennas que o *Brazil* tem certeza de que o não são, é maldade de alma e pequice de espirito. *Mas cada vinho cheira á cuba que o traz.*

Ante os insultos em que o *Brazil* esbravêa, o direito de legitima repulsa me abria folga a tudo o que me viesse á boca. Mas esteja tranquillo. Emquanto xingar, gracejarei. Não lhe tenho resentimento. O *Brazil* não faz mal, senão aos seus.

E depois, a nossa questão não é com elle. O *Brazil* é um accidente na existencia do partido conservador : Por amor deste buscamos removê-lo ; nada mais.

Da causa do nosso grande partido é que se trata. Um naturalista como Huxley, por exemplo, escreve um livro inteiro sobre certo marisco d'agua doce (*) ; e « a questão das ostras » (**) o está occupando muito seriamente nas revistas scientificas de Inglaterra. Será por esses pobres animaes, ou pela sciencia, que trabalha o grande zoologo, o celebre physiologista ? Supponho eu que pela sciencia ; mas não seria impossivel que entre os crustaceos e moluscos, se entendesse o contrario.

O caso já se passou entre lagartixas, depois de verem anatomisar uma das suas semelhantes por um curioso naturalista.

« Se ha estado el hombre
Todito un día
Mirando el cuerpo
De nuestra amiga,
Y hay quien nos trate
De sabandijas ?
Cómo se sufre
Tal injusticia,
Cuando tenemos
Cosas tan dignas
De contemplarse
Y andar escritas ?
No hay que abatirse,

(*) HUXLEY: *The crayfish*. New York, 1880.

(**) HUXLEY: *Oysters and the oyster question*.

No *New Six penny Illustrated Magazin*, n. 1, 25 de setembro de 1883.

Noble cuadrilla :
Valemos mucho,
Por mas que digan. »

« Y querrán luego
Que no se engrian
Ciertos autores
De obras inicuas ?
Los honra mucho
Quien los critica.
No seriamente ;
Muy por encima
Deben notarse
Sus tonterias ;
Que hacer gran caso
De Lagartijas
Es dar motivo
De que repitan :
Valemos mucho,
Por mas que digan. » (*)

*

**

Promettido, devido.

A attitude do *Brazil* ao lado sempre da desordem, desde 25 de outubro, não póde quadrar á indole conservadora.

Não vale a pena de occupar-me das atoardas com que a charanga do *Brazil* nos azoinou por mais de cinco semanas. Ainda agora, um dia por outro, volve á zanguizarra, e recomeça o estrugido da charamela: « O governo tolerante para com o assassinio. Seu assentimento ao homicidio, *providencia brutal*. Ameaça á existencia dos ministros. Fuga do gabinete, etc. » A todas essas invencionices comicas, a que nenhum dos redactores daquella folha associaria o seu nome em um depoimento judicial, houve quem fizesse justiça em tempo. Desnudaram-se as incongruencias, as cincadas, as pateticas, chatinadas naquelle periodico ; e o con-

(*) TOMÁS DE IRIARTE: *Fab. litter. El Naturalista y las Lagartijas.*

temporaneo embuchou por uma boa temporada. Agora que julg a esquecido o fiasco, torna de novo a peguinhar nas bullas falsas, reensaia o fá-bordão e desafina a mesma chiadeira.

Provavelmente a sua opinião é a mesma que suggeriu ao celebre pamphletista inglez a lembrança de um tratado da *mentira politica*.

« *Temos jus* », dizia elle, « á verdade, nas relações particulares, da parte do nosso proximo, á verdade domestica na convivencia com as nossas familias; temol-o a não ser illudidos pela consorte, pela prole, pelos famulos; mas nenhum direito nos assiste, nenhum, quanto á *verdade politica*. Exigir o povo o conhecimento da verdade em assumptos politicos, o mesmo fôra que pretenderem os da arraia miuda o senhorio de castellos e solares, a posse de cabedães e fazendas. » (*)

Mas a tactica da mentira politica impõe certas cautelas. Nem sempre adverte o espirituoso satyrista, nem sempre são felizes os partidos nesse genero de trafego. E porque? Porque abarrotam o mercado, e retalham em demasia a veniaga ruim. Para não engorgitar a praça, o engenhoso praxista da arte de petear aconselha aos partidos a precaução de não fallarem senão verdade, tres mezes a fio; com o que se proverão de credito, para, depois, embahir o publico successivamente por um semestre inteiro. Sobre-tudo, porém, releva sempre que o embuste offereça visos de realidade. Não se diga, por exemplo, que uma arruaça é uma sedição, ou que um governo em fuga, escolha para se evadir, o caminho onde raiva a turba-multa. Porque o maranhão soez, achavascado, troncho, desmoralisa o negocio, e põe de sobre-aviso os consumidores. Münchhausen não derriba gabinetes, nem os contos da gata borralheira mudam situações.

*
* *

Não é a poder de fantasias mal amanhadas que se encalga o governo, e se crêa opinião. A poder de engulipar carapetas, a credulidade popular acaba por cançar-se. Vejo, porém, que se não entende assim em certos bairres da imprensa, onde para

(*) *SOURCE: Art. of Political Lying.*

essa especie de pasto não ha dia magro. Do embuste nos factos de observação immediata passam ao embuste nas theorias. Haja vista a doutrina, explorada em cheio pelo *Brazil*, que em vez de armar com a adhesão publica os governos, para resistirem á desordem, faz, pelo contrario, desta a arbitra da existencia dos governos.

Eis a *politica* que o inculcado órgão dos meus amigos encetou, proclamando que « n'um paiz de opinião, os ministros actuaes não teriam vivido um só dia depois de 25 de outubro »; quando, ao revez, a verdade é que não ha paiz de opinião que admitta aos desatinos do poviléo essa autoridade tremenda.

A historia de Inglaterra, durante este seculo, está cheia de ebulições da paixão popular nas ruas, sem que ainda um só gabinete estremeceesse com isso. A regencia do filho de Jorge III abunda em motins, em pronunciamentos minazes, em revoltas, contidas pela intervenção violenta da espada. Em 1819 o sangue inglez correu copioso em mais de uma cidade, o radical Hunt fez uma entrada triumphal na metropole á frente de 300.000 homens, e as balas rebeldes não respeitaram o proprio coche do regente. Seria uma cadeia interminavel, si quizessemos continuar, desde os tumultos que ensanguentaram, nesse anno, os condados fabris da Escossia e da Inglaterra, e as capitaes mais ricas, mais intelligentes, de Glasgow a Londres. Basta rememorar os factos espantosos de 1854, quando a população da capital se acapelava, apinhada nas ruas de Londres, aguardando ver recolher presos aos carcerees da torre de Londres o principe consorte e a rainha. Será o proprio esposo da soberana quem nos deixe entrever essas incriveis scenas. São de uma carta intima delle a Stockmar estas linhas:

« Tem corrido por todo o paiz o boato da minha encarceração na torre de Londres », escrevia o principe Alberto ao seu amigo particular. « Ainda mais: chegou-se a divulgar, e a crer que a rainha mesma estava presa. Milhares de individuos agglomeraram-se nas circumvizinhanças da prisão, afim de assistir á nossa passagem. Por outro lado me chega aos ouvidos que Bright, Cobden, Gibson, Wilson, no *meeting* annual de Manchester, trataram com desprezo esses boatos, e riram dessas accusações. Esta circumstancia affligiu-me de terriveis cuidados;

pois os factos são mais que serios, para exigir a attenção mais grave e rigorosa. Não me sentirei de todo em socego, senão depois de encerrados os debates parlamentares; porque não basta dissipar temporariamente esses rumores: cumpre ferir na cabeça o inimigo, e extirpar radicalmente a enfermidade.»

Deante de acontecimentos como esses o *Brazil*, enxofrado até os olhòs, teria thema para mil e um editoriaes e mil e uma ordens de despejo ao gabinete. Lá, entretanto, o ministro Aberdeen, longe de perder nada em sua estabilidade, viu cimentar-se-lhe a confiança da corôa, e não caiu senão mais de um anno depois, ante uma moção parlamentar de desconfiança a proposito da direcção da guerra na Criméa.

Quem não conservará reminiscencia das perturbações temerosas que agitaram Bruxellas em 1857? A camara, durante muitos dias successivos, apupada pelas galerias, umas poucas de vezes evacuadas á força; os ministros, os representantes de côrtes estrangeiras, a propria familia imperial affrontados nas ruas; as vidraças apedrejadas, nas casas particulares e nos escriptorios dos jornaes; esses espectaculos tumultuosos reproduzidos em Anvers, Mons, Liége, Bruges, Namur, Louvain e Verviers; a repressão pela policia e pelas forças de linha exercida violentamente; o rei emfim, o calmo e constitucionalissimo Leopoldo I, irritado até o desespero, disposto a commandar pessoalmente o exercito contra os amotinados, exclamando, entre os seus ministros, n'uma explosão que a historia registrou: « Não ha mais aqui regimen parlamentar; o regimen parlamentar está morto. Comprehendeis, senhores? Sim; violaram a constituição. Eu, ha 26 annos, observe o meu juramento. Agora soltaram-me desse compromisso. Não o esqueçam! » (*) Pois bem: esse ministerio, sob cujo governo esteve a pique de ruina a constituição do paiz, que não soube prevenir, nem conseguir reprimir de prompto esses conflictos ameaçadores, cahiu, ou vacillou? Não. A corôa continuou a apoiar-o; e só muitos mezes depois (em 30 de outubro), por

(*) SAINT RENÉ TAILLANDIER: *Le roi Léopold et la reine Victoria* (Paris, 1878), vol. II, pag. 328.

THONISSEN: *La Belgique sous le règne de Léopold Ier* (Louvain, 1861) vol. III, pag. 351.

THÉODORE JUSTE: *Léopold Ier et Léopold II* (Bruxellas, 1878), pag. 293.

circunstancias alheias a esses acontecimentos, passou a outros a administração do paiz.

Mas a *Belgica* e a Inglaterra que valem aos olhos do « illustrado » orgão ?

« Salvar o relance » é o officio da imprensa de partido. Raciocinio e consciencia são trambolhos. Levar de cambulhada as tradições e os abusos, os principios e os erros, o senso commum e os disparates, a malignidade e a justiça : eis o supra-summum do talento.

Ha dois mezes, quando os amigos do gabinete reduziam o facto de outubro ás proporções de um incidente policial, o *Brazil*, em tom de arúspice, vaticinava a subversão nacional :

« Dos factos isolados » tonitroava elle, « chega-se facilmente á generalisação ; de individuo em individuo chega-se á collectividade ; e, quando as aves sagradas soltarem o grito de alarma, a cidade indolente despertará tarde para promover a sua defeza. »

Agora, quando animos inquietos appellam para a discreção prudencial do governo, e consideram a legalidade estricta como inferior ás necessidades da policia na capital do Imperio, o « perigo imminente » de que o *Brazil* foi o primeiro denunciador, já não é senão uma trica de ministerio perdido.

Vêde :

« Quer-se a todo transe dar como real uma situação que não existe, para assim prolongarem-se os dias do gabinete, o qual apregha a theoria de que a sua retirada agora, quando a ordem publica está abalada por tantos elementos de desorganisação, seria uma concessão feita á anarchia das ruas. »

Dizei-me, bondosos leitores :

No está juganao entonces

A la gallina ciega ? ()*

*
**

A repressão movida pelo governo contra a capoeiragem ontceu desgraçadamente o meu nobre, mas mallogrado amigo.

(*) JOSÉ JOAQUIM DE MORA: *Levillas satiricas*.

No dia immediato ao amotinamento dos presos os varios orgãos de publicidade, na cõrte, louvaram a uma os ministros e as autoridades policiaes.

Para citar um só, que dispensa os demais, recordarei as palavras da *Gazeta de Noticias* :

« O sr. chefe de policia foi *incansavel* nas providencias que as momentosas circumstancias exigiam, sendo attendido *com a maior promptidão* pelos srs. *ministros da justiça e da guerra* naquellas que solicitava dos mesmos senhores.

« O sr. dr. Felix da Costa, *com a mais louvavel actividade*, conservou-se até á noite na detenção, pondo em pratica *todas* as medidas a acautelar a fuga dos presos, no que foi « vantajosamente auxiliado pelos seus collegas », drs. Theodoro Sodré e Bernardino Ferreira da Silva, 2º e 3º delegados.»

Pareceria que ao menos a diligencia, solicitude e firmeza da policia e do gabinete na hora do perigo eram inquestionaveis.

Mas não. O ministro da justiça, porque mandou louvar comedidamente, em expressões nada mais vivas que as da imprensa neutra, o zelo dos funcçionarios que se distinguiram na acção foi chamado a contas pelo *Brazil*, que lhe disse na bochecha:

« Por enquanto ninguem merece elogios: para usar de uma locução popular — *todos são peiores*.

Os encomios ás autoridades que se distinguiram, e que as folhas insuspeitas « recommendam á gratidão publica », eram prematuros. O ministro não podia « elogiar as obras que encontrasse », enquanto não « conhecesse e castigasse os culpados ».

A razão é machucha !

Não honrarei o bombeiro heroico, que arriscou bravamente os seus dias, para arrebatar ao incendio vidas e fortunas alheias, enquanto não capturardes o miseravel, que aproveitava a confusão e as chammas, para perpetrar o assassinio e o roubo. Não condecorareis o nadador generoso, que de peito feito se expõe ás vagas encastelladas pela tormenta, para salvar o naufrago desconhecido, enquanto não colherdes ás mãos o covarde que se utiliza dos horrores do naufragio, para exercer a perversidade

villã de uma vingança. Não premiareis o policial zeloso e esforçado, cujo corpo fez muro, em defesa da cidade, ás portas da prisão, onde bramia, revôlla, uma horda sanguinaria de malvados, emquanto não conseguirdes punir o galé que se valia do conflicto, para cevar-se em novos crimes.

Chame Sua Magestade, quanto antes, esses homens ao governo do paiz! Hão de deixar nelle vestigios indeleveis dessa « grande circumspecção », dessa « energia », dessa « justa severidade na apreciação dos factos », cuja falta exprobram aos ministros de hoje.

Eu cada vez me embeveço mais neste *Brazil*,

cuja manha

E grande esforço faz inveja à gente. ()*

∴

Mercê de Deus, elle nos tempera sempre os arroubos com um grãozinho de riso.

Sabe-se que o ministro da justiça louvou os seus subordinados. Mas até hoje ninguem disse que estes retribuíssem a s. ex. com outros os encomios recebidos. Entretanto, o *Brazil* qualifica o ministro de precipitado na distribuição de *elogios mutuos*.

Mutuos!

Chego a desconfiar dos lexicographos. « *Mutuo* » igual a « *reciproco* », ensinam-me todos elles. Isso, porém, já vejo que ha de ser bernardice dos vocabulistas. Voto a Deus que de ora em diante o meu elucidario ha de ser o *Brazil*.

Sentimento *mutuo*, odio *mutuo*, *mutuo* amor, teimaria eu em como é o amor, o odio, o sentimento, que se corresponde, que se troca de parte a parte, entre duas ou mais creaturas. Ora, qual! Eu admiro o *Brazil*; elle aborrece-me. Logo, aborrecimento *mutuo*, *mutua* admiração entre nós dous. Elle chama-me de gram-

(*) *Os Luziadas*, c. VIII, 26.

matico, ou intriguista. Pratica um acto de elogio *mutuo*. Eu o appellido de lexicologista, ou gaiato; e estou peccando por *mutuo* elogio.

Esta é de luminarias!

*
**

Será novidade a praga dos capoeiras?

Não, diz o *Brazil*: « é um facto constante, um caso *antigo*. »

Logo, si a imprevidencia acarreta responsabilidade, esta necessariamente se dividirá pelos varios partidos que se têm succedido no governo. Não é só aos nossos adversarios, aos liberaes, que incumbe

adivinhar perigos, e evital-os.

E, desde que esse onus tambem nos grava a nós; desde que os capoeiras não datam da actualidade; desde que essa peste atravessou incolume as situações conservadoras; desde que estas mais têm durado no poder que os nossos antagonistas,— o corollario fatal seria que a nós nos toca, pelo menos, meia culpa no descuido.

Era, pois, o caso de pensar o *Brazil*, antes de bolir neste assumpto, e dizer com os seus botões, como o outro: « *Apalpo primeiro o vão, que me metta nelle.* » E não saracotear-se, scio e lampeiro, stygmatisando os « governos de nullidades », quando ha de lembrar-se de que muito mais duras coisas disse de gabinetes nossos (conservadores) o sr. Alencar, o sr. Ferreira Vianna, o sr. Andrade Figueira.

O *Brazil* profligou a prisão da capoeiragem em massa e sem os tramites do direito commum. Todavia, no editorial de 8 do corrente confessa que a *Folha Nova* e a *Gazeta de Noticias* « demonstraram » a necessidade, em que a policia estava, « de tomar medidas energicas, para reprimir os desordeiros e capangas, que infestam a cidade. »

« *Demonstraram* », diz elle, que a policia as « devia » tomar.

E ajunta:

« No emprego de taes medidas *uma grande dóse de arbitrariedade* se insinua *forçosamente*. »

Ora, se de um lado se reconhece que o *dever* impunha essas medidas, e de outro se admitte que, em medidas taes, o arbitrio

é *forçoso* evidentemente se segue que bem se houve a policia, não recuando ante o arbitrio *inevitavel*, para satisfazer o *dever* imperioso.

Uma de duas: ou se absteria do arbitrio, e faltava ao dever, ou para desempenhar o dever, se submettia ao arbitrio ditado por uma necessidade fatal.

No fim desse artigo de fundo, porém, já o *Brazil* esquecia que elle proprio, nas primeiras linhas desse escripto, dera por *demonstrada* a urgencia do *dever* e a *inevitabilidade* do arbitrio. Todavia, bem que alludindo já dubitativamente ao resultado da *demonstração* que confessara *feita*, observava:

« Si isto é inevitavel, fazemos votos para que o arbitrio seja temperado o mais possivel por verdadeiro espirito de justiça, e o menos possivel sem paixão nem violencia».

Dir-se-hia, pois, que aquella folha se dispunha a proceder, nesta questão, com um pouquinho de boa fé e senso commum, com menos sanha contra os adversarios, que amor pela ordem.

Longe disso, requintou dia a dia em malignidade.

Diz ella:

« Si no dia 14 a revolta dos criminosos, accumulados nas enxovias da casa de detenção triumphasse, tudo estaria perdido.»

Demos que sim. Mas, nesse caso, a unica illação possivel, é que a conjunctura obrigou o ministerio a providencias excepcionaes.

Ninguem deduzirá outra idéa. Ao *Brazil*, porém, essa premissa unicamente serviu para aggravar com uma censura absurda a situação da autoridade, e estender ás atrocidades da capoeiragem o manto protector de uma attenuante.

Tudo estaria perdido. Sim; mas porque? O *Brazil* responde: Porque «a oppressão e a tyrannia inspiram odios e vinganças incompreensiveis, inimaginaveis.»

De modo que, si aquella onda de navalhas e gazuas se tivesse derramado sobre a cidade, o capoeira, no tribunal em que o *Brazil* fosse juiz, não era o assassino reintegrado na liberdade de matar: era a reacção desvairada do direito ferido contra a oppressão e a tyrannia.

E será bem, posso eu levar á paciencia que fque escripturada á conta do partido conservador esta idealisação do capoeira ?

Pobre sentenceador !

*Tal é elle pr'a juiz
Como eu sou para pregar (*)*

Que arbitraria o *Brazil* que se fizesse a essa turba de malvados, uma vez presos ?

A imprensa imparcial indicou para os nacionaes as colonias milatares e para os estrangeiros a deportação. Mas o *Brazil* remove desdenhosamente esse embaraço, insinuando a incompetencia dos «orgãos estranhos aos compromissos que o governo da sociedade acarreta.» Assim, recusado, por inidoneidade, o jornalismo neutro, e, por não menos incapazes, no caracter de «serventuarios officiaes», nós, os entrelinhistas, «et reliqua», não resta a quem recorreremos, senão ao *Brazil*.

Salve, pois, arbitro do bem e do mal, entre estes labroostas que te cercam :

*Siccome torre
In solitario campo,
Tu stai solo, gigante, in mezzo a lei. (**)*

Columna «das responsabilidades do governo», que boa nova nos trazes ? que Evangelho nos annuncias tu nesta questão ?

Deportação não serve.

Por que ?

Porque Bluntschli (dizes tu) estabelece varias restricções prudenciaes ao uso desse meio.

Mas, vem cá, ó caryátide «das responsabilidades do governo. Bluntschli mesmo, que invocas, e justamente no trecho citado por ti, reconhece ao Estado esse direito, e conclue assim :

«E' hoje geralmente reconhecida a faculdade de expulsar o estrangeiro *por simples medida administrativa*, e sem que as pessoas sujeitas a tal medida possam recorrer aos tribunaes. »

(*) GIL VICENTE : *Obras*, vol. III, pag. 463.

(**) GIACOMO LEOPARDI: *Il pensiero dominante*.

E tu, avergado ao peso da architrave que aguentas, ó columna do partido, ó sustentaculo das *responsabilidades*, tu proprio subscreves a sentença, accrescentando :

« Feitas as devidas excepções, o principio estabelecido pelo eminente publicista é o que mais se coaduna com os legitimos progressos da razão publica. »

Mas, Atlas das *responsabilidades do Estado*, si é *geral* a opinião que reconhece aos governos a prerogativa de deportar « por simples acto administrativo », — ou esses « progressos da razão publica » ainda se acham na casca do ovo, ou, quando não, o que elles sancionam, o que elles legitimam, o que elles estão doutrinando, é esse direito que contestas.

« Feitas as devidas excepções », dizes. — Mas ha de ser precisamente para os capoeiras que se abram essas excepções tutelares ? Os estrangeiros que estanceiam « temporariamente » no territorio, esses, ao teu juizo, são deportaveis. Mas o capoeira, não. Este domiciliou-se com animo de permanecer, casou os seus interesses aos *da patria adoptiva*. Não lhe toqueis : *sacra res* ! E' um chamariz a emigrantes, um hospede util. *Magna debetur illo reverentia*.

*
* *

A quem então deportaria o *Brazil* ? A mim ? Ao desvalido *Salisbury* ? A *Swift* ? Ao *Tory* ?

Talvez...

Quanto aos navalhistas, o meu co-religionario não dispensa um julgamento qualquer, *mesmo summario*, como esses que, nas épocas anormaes, se praticam, *ao menos para salvar as apparencias diante da historia*.

Capiscaste, leitor ?

Eu não por desgraça, fiquei em jejum.

E' o decoro do ministerio liberal, ante a posteridade, o que o *Brazil* se empenha em salvar ?

Mas então invadiu seara alheia.

Isso deve ser com o Instituto Historico, o mais genuino representante, que eu conheça, da historia perante o governo e do governo perante a historia.

Imagem que a Sociedade de Geographia, ou o Observatorio Astronomico se sahião agora a disputar ao *Brazil* o poder, o anhelado pomo!

Que diria o contemporaneo ?

Mas então é destes platonismos que o « órgão conservador » vive ?

Bem aviado quem o suppuzesse !

O nosso *Brazil* é uma folha « de governo. »

Nem concebo como o Imperador lhe tem resistido.

Elle desnovelava esta meada, emquanto o demo esfrega um olho.

Si não me engano, já o accusei de alimentar-se em abstracções, e de criticar, sem aconselhar. Mil vezes injustiça ! Elle é a abnegação em pessoa e a sabedoria em concreto. Não faz segredo dos seus segredos. Chama os liberaes, e os industria na arte de se eternisarem no poder.

« O governo, » diz, « tinha um recurso, tão normal, quanto « *efficaz e prompto* » para conjurar a impotencia, a inopportunidade, ou a insufficiencia das leis que possuímos. »

Sim ? Pois venha muito nas boas horas. E qual será ?

Reunir o parlamento, e, nesse meio tempo, desenjaular a capoeirada, constringendo-a primeiro a assignar termo de bem viver.

Isto !

Como a sapiencia é simples, e a simplicidade sublime ! Antes de Newton quantas centenas de milhões de homens não tinham visto cair maçãs, sem sonharem as leis universaes da gravidade ?

O *Brazil* indica-nos dest'arte o salvaterio *prompto e efficaz* « E' assim, » assegura-nos, « que se pratica em todos os paizes de regimen como o nosso. » Não tem que ver : dil-o elle ? Então é:

« *efficaz.* »

e

« *prompto.* »

Ora, vejamos.

Convocavam-se as camaras. Ainda com a telegraphia, do convocar ao ter congregado o parlamento iriam trinta a quarenta dias, pelo menos.

Aberta a sessão, o ministerio « expunha a crise que trabalha as entranhas da sociedade. » Propunha em seguida os seus meios de repressão. A maioria, supponhamos, estava da melhor veia. Mas os projectos do governo tinha de atravessar a opposição nas duas casas. Com os nossos habitos parlamentares toda a gente está prevendo o que isso havia de ser. Estamos inaccessivelmente longe, pela educação, do paiz onde Gladstone em um dia obtem do parlamento medidas policiaes que, a não ser o alto tino dos executores, frequentemente ameaçariam a liberdade ingleza. Cá é outra cousa.

Iniciavam-se os debates. As medidas propostas começavam a peregrinação regimental. Deante dellas: a eloquencia imbrincada, florida e melodiosa do sr. Ferreira Vianna, formosa e risonha paisagem, onde o espirito scintilla, onde o talento cambia em miragens infinitas, onde a imaginação travessêa em caprichos de borboleta, onde o orador se perde horas e horas após a sua fantasia, e o auditorio, enamorado, o segue esquecido do tempo; a palavra austera e aspera do sr. Andrade Figueira, penhascal de fragas alpestres, angulado de arestas, apontado de espigões, semeado de cardos, de onde desce continuo o sopro de uma critica implacavel, fria como o gume do aço, ou o cóрте do vento de inverno; as orações do sr. Duque-Estrada, em cujos borbotões a paixão espadana caudalosa, fagulhando ao sol, como os saltos das nossas cachoeiras; as verrinas brilhantes do sr. Gomes de Castro, onde a invectiva repuxa como o jacto dos geysers, e a colera rouqueja como o sólo nas solfataras; a voz do sr. Paulino de Souza, mansa e meandrosa como as longas aguas do Parahyba; os cansados areiaes do sr. Mac-Dowell; as ondulações forenses do sr. Fernandes de Oliveira; a requintada jardinagem do sr. Junqueira, o mimoso amigo dos alegretes, das grinaldas e das bandeirolas; os seccos pedregaes, onde chispa o couto de ferro do bastão do sr. João Alfredo; as vastas estepes do sr. conselheiro Correia; os altibaixos do radicalismo do sr. Silveira da Motta; as esparrelas do sr. Cotegipe.

Ditoso o gabinete que fizesse essa travessia em dois mezes. Mais um, já contado, para a convocação. Ao todo, tres. Isto é, noventa dias de inquieta expectativa !

Entretanto, os capoeiras desfructavão a doce liberdade; porque a soltura desses perseguidos cumpria que fosse, na opinião do *Brazil*, concummitante á convocação da assembléa geral.

Quinhentos navalhistas soltos ? Santo Breve da Marca ! Não se assustem ; cada um tinha deixado na delegacia o seu termo de bem viver. Já o commercio e a população não tinham mais de que receiar. Cada cidadão pacifico extrahia certidão de um ou mais termos, e usava-os na algibeira ao modo de *oração prodigiosa*, no pescoço como amuleto, ou em fórma de coiraca, revestindo o abdomen, a caixa thoraxica e as demais regiões, especialmente ameaçadas pela folha da navalha.

Como, porém, é provavel que pela maior parte os nossos patrios, de seu natural ponceo precavidos, não se acutelassem com esses meios de immunnidade ; e, por outro lado, como o capoeira não assigna o termo de bem viver, senão para o quebrar, — o resultado seria começarem a pullular os roubos e as navalhas desde o dia immediato ao jubileu geral.

A policia iria aferrolhando no xadrez os que pudesse ; e, como o genero de vida dessa canalha consiste em derramar sangue, e ladroar, quando o parlamento felicitasse a cõrte com a lei salvadora, alguns milhares de assaltos e homicidios teriam comprovado até á evidencia axiomática a efficacia dos termos de bem viver.

Divina maravilha da sagacidade politica, que has de rehabilitar este paiz, eu te estou de joelhos, como o cabinda aos pés do manipaço. Dá-nos a ouvir de rovo o teu chocalho.

« Efficaz, prompto », só aquillo !

A tua receita ao ministerio, não sei porque, traz-me á lembrança o estudante, a quem perguntaram :

« — Como reconhecerieis, n'uma substancia qualquer, a presença do acido prussico ? »

« — Facilmente, E' respiral-o. Em cahindo morto o homem de repente, não ha que ver. O acido prussico alli está. »

Livrae soltos os quinhentos bandidos. Quando todos os termos de bem viver estiverem quebrados, o exercicio activo da navalha

estará fóra de controversia. Então á cadêa com elles ! Os mortos terão morrido, para legalisar as fórmulas da prisão.

Desgarre, só o do *Brazil* !

Senhores meus, a musa folgaz de um farcista de outro seculo inventou, para essas e outras, esta fórmula de casquinada :

Siso de cacaracá. (*)

*
* *

Basta de rir.

A resolução attribuida ao governo, de libertar os cento e tantos escravos, que contribuíram para açaimar a ralé canzoal da Detenção no dia 14, titilou vivamente os escrupulos do *Brazil*.

Já elle presentiu um rasgão no orçamento.

As demais folhas, inclusive o *Jornal do Commercio*, promperam, pelo contrario, em applausos.

Naturalmente lhes pareceu que um nobre sentimento, capaz de inspirar ao ministerio uma deliberação humanitaria e judiciosa como essa, não lhe desluziria do animo a consciencia dos seus deveres para com o regimen parlamentar.

O *Brazil*, porém, acha preferivel aproveitar o ensejo, para accumular estorvilhos a uma acção que honra o paiz.

Deste modo entala o partido conservador, de que se inculca intérprete, em uma posição odiosa até a um numero innumerable dos seus melhores amigos.

Suppõe « vexado » o sr. ministro da justiça, pelo concurso que desses infelizes recebeu a ordem ameaçada.

Si a redacção do *Brazil* escrevesse com a madureza do homem de estado, teria pelo contrario, saudado nesse facto um symptoma animador para os que esperam a solução pacifica do problema servil, um indicio expressivo de que o delirio do fanatismo abolicionista ainda não conseguiu apoderar-se das massas escravas.

Vexado porque, o sr. ministro da justiça ?

Onde o signal disso ?

(*) GIL VICENTE : *Obras*, vol. III, pag. 92.

Diz o *Brazil* que no mesmo projectado acto da alforria geral. Mas a libertação desses homens decorre fatalmente dos acontecimentos anteriores, da sua dignificação para o fôro dos livres pela sua cooperação intrepida ao lado da lei no dia 14.

Descobre nisto o *Brazil* motivo de acanhamento? Mas a bandeira confederada, na guerra da separação, não se envergonhou de chamar ás armas legiões de escravos, que pelejaram hombro por hombro com os seus antigos senhores, sem que o pavilhão do sul dos Estados-Unidos com isso se julgasse ennodado.

Vexado o sr. ministro da justiça!

Vexame devia sentir o *Brazil* de maltratar assim, com a linguagem depreciativa com que os fere, a conterraneos nossos, que se lavaram do captivo nesse baptismo de sangue, emparelhando na altura com os direitos e sacrificios da liberdade.

Diz, com um duro arreganho de feitor em eito de fazenda, que esses captivos « *assessoraram* » o ministro »; que « *hombream* com os soldados do exercito »; que esses são os « *alliados* » do gabinete na campanha de 14 »; « que o ministerio teve por « *parceiros* » escravos da Detenção. »

Com que, si o honrado sr. Belisario, ou o benemerito sr. Paulino de Souza, por um desses accidentes a que todos estamos expostos, nós e os nossos, devesse uma vez a vida de uma das pessoas que lhe são mais caras, a preservação dos seus cafezaes contra um incendio, ou a defesa da sua casa contra um assalto a um negro, a um captivo, ss. eex. não esqueceriam que o seu bemfeitor era um escravo? teriam medo de que lh'o chamassem parceiro seu? corariam de levantal-o até á sua altura, de confessar-lhe a sua gratidão, e estender-lhe um pouco da sua amizade?

Não creio!

O sr. ministro da justiça não tem senão de que estar satisfeito. Interpretou bem o seu dever.

*
**

Umas continhas ainda com o *Brazil*.

Não é porque nos dêsse carta de professor. Fique certo o contemporaneo: com essas amabilidades me não corrompe. Um pouquinho mais cedo que me viesse a fineza, e eu seria capaz

de expôr-me em effigie na *Pedagogica*. Com estas e outras artes é que o diacho tenta os encolhidos.

Agora estou prevenido, e não me arrisco ás syrtes da instrução publica. O meu mal é não dizer senão o que sei. Falta-me aprender com o illustrado órgão a arte de se não metter senão no que ignora, e atabafar o que sabe com os sete sellos do Apocalypse, de modo que ninguem o profane com uma suspeita perscrutadora. Taes manhas, quando um homem chega a adquirir-as, já não é um professor, nem um sabio: é um congresso.

Só a sciencia de uma assembléa de cathedraicos, de feito, seria capaz da réplica, em que o collega pulverisa o exemplo de Dilke, adduzido por nós em impugnação aos ciumes realistas do *Brazil* contra o famigerado barrete.

O exemplo inglez não serve, e porque? Porque redargúe o *Brazil*, omitti « o que era essencial; isto é, si Dilke, antes de ser republicano, occupára o logar de vice-rei da India, como o sr. Lafayette o de presidente de duas provincias do Imperio, nem si Gladstone declarára, em pleno parlamento, que o seu collega de gabinete continuava republicano, como fez o sr. Sinimbú em relação ao ministro da justiça do gabinete 5 de janeiro.»

E acrescenta :

« Dilke pagou o seu tributo á mocidade, como o sr. ministro da marinha; porém entrando mais tarde para o partido whig, não o fez por simples transformação de actor que desempenha varios papeis em uma mesma comedia.»

Já aqui se reconhece que um cidadão pôde passar de republicano a ministro, sem deslustre da sua respeitabilidade. Por elegancia o *Brazil* denomina a primeira phase na existencia desses estadistas : « tributo á juventude.» Não condiz isto, porém, com o procedimento da opposição conservadora, na sessão deste anno, para com o sr. ministro da marinha. O senso commum, no proprio animo dos que fizeram éco ás chalaças atiradas contra esse cidadão, começa a fazer justiça a essas escaramuças, proprias apenas de uma opposição de panria, indigna de uma minoria intelligente, e que sériamente tenha que fazer.

Mal informado; porém, anda o *Brazil* em attribuir a devaneios da mocidade o republicanismo de Dilke. Este estadista, nascido

em 1843, contava 38 annos, quando, em 1871, se declarou republicano, e a esse tempo atravessára já tres annos de vida parlamentar. Era transcorrida, pois, a época das illuções juvenis.

Aqui pisou, pois, em falso o *Brazil*. Mas isso é o menos, á vista do mais.

Acha o contemporaneo que a nossa invocação não surte effeito por dois motivos: não aclarar eu si Dilke, antes da manifestação republicana, fôra empregado da rainha; não mencionar si, entrando para o gabinete, reiterára a profissão de fé anterior.

Desta ultima consideração infere o *Brazil* (e o dá por assentado) que, recebido no gabinete Gladstone, Dilke iniciou-se whig.

Erro!

Si Gladstone nenhuma communição fez quanto ás idéas democraticas do seu secretario de estado, é porque, oppostamente ao que succedeu entre nós com o ministerio 5 de janeiro, não houve membro da camara dos commons que commettesse a puerilidade de uma censura, ou sequer de uma interrogação a respeito. O sr. Sinimbu, aqui, respondeu a um reparo articulado entre invectivas. Gladstone, a quem nenhum reparo se fez, nada teve que dizer.

A camara dos commons sabia, e achou natural, que Dilke, por entrar no ministerio, não se julgasse obrigado a repudiár as suas convicções adeantadas. Nem o novo ministro procurou attenual-as. Antes, assignalou a firmeza das suas tendencias, pondo como clausula á sua entrada na pasta de estrangeiros a nomeação de Chamberlain, que, associando-se ao gabinete na pasta do commercio, veio representar no seio delle o elemento radical. (*) Do mesmo modo, sem renunciar o seu franco radicalismo, pôde John Bright ter ingresso nos dois gabinetes liberaes de Gladstone, em 1868 e 1880.

Temos, pois, que, para ser rigorosamente exacta a semelhança entre a hypothese de lá e a nossa, faltaria, aos olhos do *Brazil*, apenas demonstrar que Dilke, antes de republicano, tivesse obedecido á corôa no character de seu servidor, como o Sr. Lafayette no de administrador provincial.

(*) LEWIS APJOON: *W. E. Gladstone, his life and times*. Pag. 281.

Mas esta não lembrava ao inventor da pólvora !

Confesso que aqui me engodilhou de todo o contemporaneo.
Eu do enigma não percebo nada.

Cui lava que a mancha estivesse em retroceder da republica á monarchia. Pois não, senhor : nodoa não menor é progredir da monarchia ao republicanismo.

E', ou não ?

Onde o peccado ? Em ser ministro depois do manifesto republicano ? ou gliar-se republicano depois de presidente ?

Nisto ? naquillo ? ou em tudo ?

Quem fôr capaz, que decifre a indromina.

Eu decididamente não : e mais não sou qualquer piffo charadista ! prezo-me de ter arrancado mais de um segredo ás chirinolas do transcendentissimo collega.



Agora resfolguemos, até que o *Brazil* volte á sua musica de caldeireiro : « o Apulcho, a crise, o gorro phrygio, os coreoneis. »

Si as folhas usassem taboleta, eu lhe propria, com o competente emblema, este distico do poeta :

*Como panella sem aza
Que sempre está n'um logar. (*)*

Remato, bem se vê, culinariamente, como já disseram que costuma proceder a politica e a diplomacia.

Rio, 30 de Dezembro.

(*) GIL VICENTE : *Obras*, vol III, pag. 122.

V

• L'âne vêtu de la peau du lion. — Espectro. — • Facit indignatio versum. » — Retrospecto o retrospecto (1875, 1883): « progresso ». — De filho de Cornélia a gentilhomem de El-Rei. — Ferocidades ultra-radicaes. — Sal não pôdo ser quam de salga precise. — Ferraduras por figas. — Um apoloço triumphante.

• •

Cada editorial do *Brazil*, de alguns dias a esta parte, é um ataque de nervos contra *os estipendiarios* do gabinete na imprensa. — Que elles ousam pôr em duvida o desinteresse do *Brazil*. Que lhe mordiscam nos amigos, entidades impollutas e inviolaveis. Que desacatam o orgão do partido. Que o injuriam atrocemente. Que o estafam. Que lhe discutem a orthodoxia e a grammatica. E mil e mil outras negruras taes e quejandas.

Pelo que me toca, extremamente sensível a este genero de espectaculos, devo protestar pela minha innocencia nesses accidentes. Não me soffre o animo assistir a escabrejar n'um espasmo desses fanaticos uma creatura de Deus, sem lhe acudir com o horrifo de agua fria, ou o vidrinho de saes. Mas os céos são testemunhas de que não contribui com coisa procedente para as convulsões do *Brazil*.

A minha linguagem ainda não deixou de repassar-se em profundo respeito ao partido conservador, em viva sympathia aos seus chefes, em sensível desvanecimento pelas suas glorias, em dedicação cordial á sua causa, em desvelado interesse pelo seu futuro.

Por isso mesmo, porém, é que me propuz a assignalar a influencia calamitosa do *Brazil* sobre a sorte da opposição conservadora, a sua innocuidade absoluta, provada e reprovada na fiscalisação, no exame, na censura dos actos do governo. Conven-

cido estou de que o mal agoirado *orgão* devia fazer ao seu partido o sacrificio de eliminar-se: *não se arrancando a silveira, padece a videira.*

E' unicamente por amor disso, por esse movel impessoal, que — misero de mim! — ao despontar de cada dia, á hora em que o sr. Ferreira Vianna resa a sr. Francisco de Assis, e pergunta pela saude de Sua Magestade o Imperador, quando acabo de me desjejuar com cinco ou seis columnas do *Brazil*, ponho as mãos, e, sem nenhum resentimento particular, pergunto ao padroeiro do meu nome quando me será dado murmurar religiosamente sobre a memoria do *orgão* aziago: Bem intencionado, Senhor meu! Deus lhe haja parte n'alma.

Só a Providencia sabe a que dura espição com isso me condemnei. Que devoção a de ingerir todas as manhãs, inteirinha, a primeira pagina do *Brazil*! Faço-o, todavia (á fé de amigo o declaro ao contemporaneo), com evangelica serenidade, sem uma contracção dos musculos faciaes, sem um movimento antiperistaltico, devagar, aos bocadinhos, como quem paparicasse uma gulosina saborosa, ou chuchorreasse um nectar. Eis a trincadeira das minhas madrugadas! Quanto com esta assiduidade de penitente conformado terá ganho a purificação de minha alma, só o poderá avaliar aquelle Juiz que lê nos corações. E tanto me basta. Nem mesmo solicito o reconhecimento do partido cujos interesses propugno.

Mas dóe-me o cuidar o *Brazil* que eu implique pessoalmente com elle. Nem sequer lhe tenho retaliado os desabrimentos e desprezos. *E' manha do açougue: quem mal falla, mal ouve.* Isso reza o adagio. Mas eu não me tenho em conta de nenhum magarefe, nem vejo diante de mim nenhum animal que esfolar. Por isto não falto com a benignidade ao *Brazil*. Si lhe machuco algum callo, culpa não é minha! Sempre ouvi dizer que *quem tem mazella, tudo lhe dá nella.*

A minha questão é só uma: não se nos impinja por *orgão* do partido. Isso é que não! Do partido conservador, não pôde ser; e ainda hoje o mostrarei.

Olhe cá o contemporaneo. Ha dois ou tres dias, aprouve-lhe associar a uma troca de avisos entre dois conselheiros de Sua Magestade o Imperador uma scena de estrebaria: os amúos e

amores de um cavallo com uma besta, ambos ruins de lombo, a se escoicinharem deante da celha de sal.

Esta allegoria de solipedes está pedindo as baias pacificadoras de uma cavalharia. Não o imitarei, pois. Mas o co-religionario com o exemplo me autoriza a recorrer tambem ao apologo. Lafontaine seja, portanto, a minha musa : o bom, o fino, o amavel, o delicioso Lafontaine, que não é nenhum trovador de estabulos, nenhum tamanqueiro de colcheias de almocreve.

Si a glosa do vate ferrador não injuria os ministros da corôa, o *Brazil*, que não se amassou de nenhum kaolino melhor que o delles, não achará que lhe arranhemos a porcelana com uma reminiscencia gentil do principe dos fabulistas. Lafontaine não aggravou a ninguem, quando nos advertiu contra o sestro de assumir titulos descabidos, e usurpar immerecidas honras. Eu não serei mais malcriado que o suave poeta de Chateau-Thierry, si com elle admoesto aos presentes e vindoiros que ninguem, sem o ser, ostente fumaças de orgão de partido.

Tem a palavra Lafontaine :

« De la peau du lion l'âne s'étant vêtu,
Était craint partout à la ronde ;
Et, bien qu'animal sans vertu,
Il faisait trembler tout le monde.
Un petit bout d'oreille échappé par malheur
Découvrit la fourbe et l'erreur :
Martin fit alors son office.
Ceux qui ne savaient pas la ruse et la malice
S'étonnaient de voir que *Martin*
Chassât les lions au moulin.
Force gens font du bruit en France
Par qui cet apologue est rendu familier ()*

Mas essas basofias paparretas (logo vi) são drogas de França. Entre conhecidos nossos a fabula não pega. Por cá, não ha disso. Qual !

(*) *Fables*, l. V.

Eu ainda não disse, como os guerrilheiros liberaes dos « A pedidos » desta folha, que os ministerios conservadores costumassem afrouxar os cordões ao erario, para sustentar imprensa de partido.

E, todavia, o *Brazil* ainda m'o não agradeceu.

Pois devia. Devia ; porque, pela mesma razão por que se irrimina contra as bisbilhõtes desses, era de boa justiça uma palavrinha de amizade pela minha discreção.

Pelos modos, é capaz de negar-me o merecimento ? Pois então oiça.

No anno da graça de 1877, a mais fecunda penna e o espirito mais brilhante do partido conservador redigia, nesta côrte, um periodico a que puzera o eloquente nome de *Protesto*.

Governavam os conservadores. O redactor do *Protesto* nessa situação tivera assento nos conselhos da corõa. E ministro foi esse que, escrevendo, no *Jornal do Commercio*, a favor do seu governo, não se dispensou de fazer sentir ao publico que da sua algibeira sahia o custeio dessas publicações.

Si entre os seus antecessores e companheiros fosse regra essa maneira de pagar as despesas do governo com a imprensa, como explicar nesse estadista a redundancia de semelhante declaração ?

Eu não atino.

Sabem os meus co-religionarios quem era esse sujeito, proprietario, redactor e director exclusivo do *Protesto* ?

Elle respondia pelo nome de *José de Alencar*.

Pois José de Alencar, nesse periodico, n. 4, pág. 51, assim se enunciou :

« Todos os nossos estadistas, ainda os mais honestos, têm usado dos dinheiros publicos em proveito do seu partido e do seu dominio ; ainda mesmo aquelles que, tratando-se de si, exageraram o escrupulo, como *Euzébio de Queiroz*, para não fallar senão dos que já pertencem á historia. »

Ouve o autor das apologias aos estadistas conservadores ?

« Todos », diz José de Alencar.

Agora não lhe vão apedrejar o tumulo.

Não venhá, pois, o *Brazil* tornar a pôr-sê nas tamanquinhas, e assentar as mãos nas cadeiras, para mê dardejar outra vez a sua pergunta :

« Qual o conservador capaz de arguir os seus chefes, o seu partido ? »

Qual ? Ainda ha conservadores de consciencia, que não balburdiam cousas distinctas, confundindo o partido com grupos e corrilhos.

José de Alencar deixou sementes. Eu, quanto couber em mim, não descurarei o officio pio de chegar-lhes o torrão, para que germinem, brotem, esgalhem, frondejem, e enfructesçam, a bem do paiz.

O pranteado estadista, no artigo-programma do *Prótesto* (n. 1, pag. 2), escreveu :

« Bem desejava saber a arte das conveniencias, e possuir a alma de Tacito, para escrever— sine ira et studio — ; mas essa grande serenidade do historiador, não a podemos ter presentemente, e não a queremos, simular. Por isso escolhemos para nossa epigrapha o mote de Juvenal:— Facit indignatio versum.

« De feito, nossa musa é a indignação ; preferiamos que fosse outra menos acerba, a mofa, ou a ironia ; e não cessaremos de invocal-as, para que nos inspirem os risos de Cervantes e Rabelais. »

José de Alencar o disse ; e morreu conservador.

Eu ainda não cheguei á « musa acerba » ; tenho feito os gastos da festa com as amenidades joviaes da ironia mais indulgente, e já me pretendem « tocar » do partido.

Tó, carocha ! Primeiro hei de tangel-os eu ; embora seja mister engrajar-me com todas as musas, inclusive a de Juvenal.

Ainda não mê viram indignado !

*

Ia-me esquecendo que andamos por festas de anno bom, quadra de estréas entre camaradas e amigos.

Li o mimo do *Brazil* á sua freguezia : o retrospecto de 1883.

Com a venia dos senhores, foi chato, chocho, chilro, chuchado, chinfrim.

Um anno bom de chêta.

Guloso fôra eu, e preferiria um chispe : creador, e antes quizera um chibo; dansarino, e me agradára mais uma chica; numismata, e o trocára por um chinfrão; diletanti, e me toára melhor qualquer charanga.

Mas nada sou, de tantas coisas nobres, senão só conservador até o tutano, até ás unhas, até á raiz do cabello.

E sabem o que eu prefiro ao retrospecto de 1883 escripto pelo *Brazil*? O de 1876, traçado por José de Alencar.

Não é heresia, não a escolha, hein?

Pois esentem o famoso escriptor :

« A historia de 1876 é breve, e escreve-se no estylo de Sieyès : — sem phrases.

« Ebanjou-se o dinheiro publico a pretexto de melhoramentos materiaes; fizeram-se contratos ruinosos para o Estado; contrahiu-se um emprestimo desgraçado; crearam-se empregos superfluos; distribuiram-se novos brazões e maiores propinas; elegeu-se a futura camara; construiu-se uma montanha de papel; e finalmente poz-se o remate á obra prima da situação.

« Consummou-se o *deficit*.

« *Deficit* no thesouro; *deficit* na moralidade publica.

« O do thesouro é enorme; sobe a muitos mil contos.

« O da moralidade, quem o pôde avaliar? »

Paro aqui.

E' conservadora genuina, ou não, a fonte?

Pois bem: releio quanto Alencar disse daquelles tempos e anno; cotejo-o com o que o *Brazil* tem blaterado a proposito do ultimo anno, dos tempos que correm; e sou forçado a concluir que n'alguma coisa melhorou o paiz; que ha progresso innegavel, e não pouco.

Depois, estes tempos são mais venturosos que aquelles; porquanto o *Brazil* é ephemero como as plantas de uma só estação: ha de passar, ha de esquecer, como tantos outros, que o olvido leva, sem mais bulha que a das folhas seccas sob os pés do viandante.

E o *Protesto* ficou.

Eu sou uma rádicula delle.

No dia de S. Silvestre nos appareceu o *Brazil* bandarreando ares de moço da côrte.

Cã recebi o obsequio da sua folhinha; e encheu-me as medidas. Aquillo é o kalendario do paço, o roteiro dos figurões de alta grandeza na jerarchia dos brazões d'armas, dos canhões agaloados, das golas de canutilho de oiro, dos peitos e lapellas reluzentes de medalhas, habitos, cruzes e veneras. Dias de cumprimentos de bons annos; datas de luto real, grande gala, gala pequena, meia gala; nascimentos, casamentos, obitos da imperial familia; solemnidades da capella imperial.

Optimo! Filho d'algo não fôra eu, si lh'o não applaudisse.

Mas uma circumstancia me mettu a pedrinha no sapato. E' que, tirante o dia 2 de dezembro, no qual, inesperadamente, o vimos pompear flammante nas filas do cortejo, sempre admirei no contemporaneo uns fóros e furias de Graccho, que me levavam a discorrer com Sá de Miranda:

Elle tudo pôde ser;

Mas da córte homem não é.

Agora scio, casquilho, mesureiro, compassado nas reverencias, gentil nos recuansos. Um mestre de ceremonias consummado, emfim. E' chibante a metamorphose!

Diga-me uma coisa o orgão: a sua folhinha é um programma, ou uma palinodia?

E, porque se não suscite vislumbre de duvida, passo a expôr á curiosidade dos circumstantes um pedaço do coiro ultra-radical, que o contemporaneo deseaseou ao repontar do anno.

Entre parenthesis. Circumstancia digna de especial reparo: por via de regra, a bicharia na depella e o passaredo na depenna entram a banzar, a esmaecer; e muitos esticam a canella desta para melhor. Todavia, o co-religionario (salva a comparação), aliás creatura delgada e de pouco sustento, não deu pela crise. Vejo-o prompto para outra. Está-se-me fazendo com terra de trocar o plumacho, ou pellechar ali todas as manhãs (relevem-me a irreverencia da metaphora; não é intencional), como quem muda de danaina para o trafego de cada dia.

Mas vamos á historia, e deixemos gracejos; pois o caso, dizia o Camões.

Materia é de cothurno, e não de socco. ()*

(*) *Os Lusíadas*, X, 7.

Lembrara-se um economista da actualidade (já se vê que não fui eu) de entrelinhar umas reflexões, as mais judiciosas do mundo (valha a verdade), sobre as relações íntimas, no conselho dos ministros, entre Sua Magestade e os seus secretarios de estado.

Ponderava o articulista que « a esphera de acção onde a corôa funciona, é a unica onde não penetra paixão de especie alguma », que, não vendo amigos, nem inimigos, inacessivel á intriga, sem odio a quem quer que seja, visando só o bem geral, a corôa sabe respeitar rigorosamente as attribuições de todos os outros poderes, os quaes, por sua vez, têm de dar contas dos seus actos. » « No choque das idéas », observava elle « são sempre vencedoras as dos poderes responsaveis. Talvez ella não discuta com o ardor que os outros podem... ; a calma e a serenidade nunca a abandonam ; e tal é o seu respeito á carta, de que é a primeira guarda, que, até hoje, ainda não deixou de inclinar-se perante a vontade firme e respeitosa, com que o poder responsavel sustenta as suas idéas. Todos os que hão tido a honra de sentar-se nos conselhos da corôa, sabem que esta nunca embarçou a quem quer que fosse no cumprimento dos seus deveres... Assiste-lhe sem duvida o direito de manifestar opiniões sobre tudo o que interessa á patria ; mas d'ahi a impedir que cada um cumpra o a que é obrigado por lei, vai distancia, e grande. »

Ora, adivinham o que o *Brazil* inferiu dessas considerações ?
Aposto que não.

Pois, nem mais nem menos, foi isto :

« Todas essas phrases — *denunciam um intoleravel estado de coacção, uma situação nova na vida dos partidos... As dissertações sobre theorias abstractas servem para instruir academicos na sciencia do publicista ; mas, para quem é governo, taes dissertações importam o mais solemne repudio da dignidade politica (!!!)*... Nem ao menos os publicistas officiaes sabem ser logicos, — sendo tão francos no modo de expender as difficuldades internas do gabinete.

Parece impossivel, não ? Mas está em letra redonda. Ainda não topei com esquipação, que melhor confirmasse aquillo de Boileau :

Le vrai peut quelques fois n'être pas vrai semblable.

Senão, examinemos a coisa de perto.

Não que eu me vá metter a deslindar o como uma dissertação de theorias constitucionaes póle converter-se em « *repud.ô* » solemne da dignidade politica. » O embroglio cheira-me a complicação de logogripho, ou será por ventura algum capitulo abstruso da causidica matrimonial, applicada translaticianamente aos negocios do regimen parlamentar ; e, fraco canonista,

« Eu no Larraga encontrado
Não tenho o caso até'gora »

Não, lá nessa meitada não me enleio eu. E' mais terra a terra o meu ponto. O que o entrelinhista assentára, vem a ser: que Sua Magestade intervem, com absoluta desreverenção e plaçidez de animo, no exame dos assumptos submettidos ao governo; que, procedendo assim, exerce um direito; que o exercicio desse direito não offende a independencia dos ministros, aos quaes cabe, quando não convencidos, manter respeitosa e levar a e feito as suas opiniões.

Ha aqui doutrina e factos. Os factos estão em que o Imperador emitta livre parecer no exame das coisas da administração, e o ministerio quando não persuadido, sustenta isentamente o seu juizo. A doutrina consiste em que ministerio e corôa, entendendo por este geito os seus deveres, entendem-n'os correctamente.

Apezar da *theoriophobia* do *Brazil*, emquanto o encephalo humano funcionar como até hoje, a doutrina é que ha de aferir e sentencear os factos. O que se quer é que ella não seja ideologica; é que seja um resultado verificavel dos processos investigativos, que constituem o caminho unico da verdade.

Applicando, pois: onde é que o panegyrista do ministerio claudicou aos olhos do *Brazil*? No affirmar que os ministros não devem render-se, e não se rendem, senão convencidos? Nisso não podia o co-religionario enxergar o *repudio da dignidade*, a qual, antes, com a resistência se accentua. Onde, portanto, na estimativa do contemporaneo, falseou a doutrina parlamentar, no escripto do articulista liberal? Evidentemente no reconhecer ao imperante o direito de pensar, e exprimir desassombradamente o que pensa no seio do gabinete.

Ainda antes do *Brazil*, o radicalismo, nas monarchias, não se elevára a cumiadas taes.

A observação, a experiencia, a historia toda, a propria noção da incoercibilidade da nossa natureza pensante, que a corôa não suprime nos reis, tudo, neste mundo, conspira em pulverisar esse despropósito, que reduziria a entidade do soberano, na realza constitucional, a uma deformidade monstruosa, a um verdadeiro specimen de teratologia moral.

O mais experimentado e maior estadista da Inglaterra contemporanea, Gladstone (não recorrerei a autoridades senão adeantadas em liberalismo), define, a esse respeito, as obrigações reciprocas do principe e dos ministros:

« As combinações admiraveis da nossa constituição » diz elle, « posto que hoje em dia abriguem completamente o soberano de qualquer responsabilidade pessoal, deixam-lhe, todavia, largo ambito ao exercicio de uma influencia directa e pessoal em toda a obra do governo. Muito ha de variar a somma dessa influencia, segundo o caracter do monarcha, a sua capacidade, a sua experiencia na administração, o seu tacto no uso de uma pressão que não convem jámais carregar em extremo, a sua perseverança em não quebrar a continuidade dessa multipla superintendencia, e, enfim, a sua assidua presença na séde do governo. Salvo o desconto correspondente a esta serie de variações, o soberano, por isso só que o é, tem por si, em confronto com os ministros, as vantagens de uma experiencia aturada, de um amplo descortino, de uma posição superior, de uma condição absolutamente immune a inclinações de partido. As relações pessoaes e domesticas entre elle e as familias reinantes no estrangeiro azam-lhe, outrosim, occasião, nas conjuncturas melindrosas, de dizer mais, dizendo-o, ao mesmo passo, com mais suavidade e efficacia da que o formalismo e os contactos comparativamente asperos do correspondencia official admittiriam de governo a governo. O livro de M. Martin dá-nos a conhecer o amor da verdade, a resolução, o tacto e a delicadeza notaveis, com que a rainha, ajudada pelo principe consorte, representou, em beneficio da nação, o papel principal do governo, na penosa questão dos casamentos hespanhoes. Exemplos tão conspicuos quanto este serão raros; mas não soffre duvida que a importancia da influencia directa, normalmente exercida pelo soberano nos conselhos e deliberações dos seus ministros, é consideravel em quantidade, tende á estabilidade e á solidez na acção, e se desata em copiosos beneficios para o paiz, sem alliviar um apice os conselheiros da corôa da sua responsabilidade commum. » (*)

Noutro estudo politico, apreciando as modificações trazidas pelo *Reform Act* de 1832 nas prerogativas da corôa, quanto

(*) GLADSTONE: *Court of Queen Victoria*, u. 22.

a de influir nas deliberações do gabinete (the prerogative of exercising an influence over their deliberations), observa :

« Pelo que é da prerogativa, ou poder que assegura ao monarca um incontestado *locus standi* em todas as deliberações do governo, essa subsiste *tal qual era*, crescendo a sua importancia exactamente na proporção do talento, do character, da experiencia, da attenção, sobretudo, com que o soberano procede no desempenhal-a. » (*)

No ultimo dos seus ensaios sobre assumptos de governo, dado a lume em 1878, esse topico é detidamente examinado, com a nitidez e vigor habituaes na penna de Gladstone.

« O poder de exonerar o ministerio, por amplo que seja em certas e determinadas circumstancias, » pondera o eminente estadista, « não é o mais seguro, nem o unico poder, que, no curso ordinario das coisas, concorre constitucionalmente na missão pessoal do principe reinante. *Em todos os assumptos de que o ministerio conhece, assiste ao monarcha ainda o direito de entender, e discutir, direito que não tem limites senão nas necessidades invenciveis do expediente administrativo.* Comquanto as decisões, afinal, hajam de conformar-se ao juizo dos que hão de responder por ellas, *o dever desses é esclarecer, e persuadir o soberano, não supplantal-o.* Si fosse possivel a este, nos limites do tempo e da energia humana, penetrar activamente, um por um, todos os factos da administração, *em pleno direito estaria de fazel-o.* O uso, presentemente, é submitter-lhe apenas as questões de mais consequencia e alcance : a nata dos negocios publicos. Na discussão de taes assumptos mais de uma vantagem leva o monarcha aos seus conselheiros. E' permanente, e elles ephemeros : falla com a superioridade de uma situação incomparavelmente mais elevada ; vê com serenidade e de espaço, emquanto a elles sobrecarrega o fardo das diligencias preparatorias ao debate, deprimindo-lhes ás forças a pressão de innumeraveis pormenores. Está habilitado, portanto, a ser um factor ponderoso. Cada vicio, ou erro, que os estudos do soberano no dominio da administração o encaminharem a revelar, fortalece a acção d'elle, enaltecendo a sua autoridade. Claro é, pois, que sob as pompas da purpura real ainda sobra ancho desafogo para a actividade do espirito.

(*) GLADSTONE : *Life of the Prince Consort*, n. 16.

Esse poder assume *espontaneamente* a forma de *influencia*, dependendo a sua somma de varias circumstancias: da intelligencia, da experiencia, do tino, da tempera moral, de uma assiduidade firme e infatigavel e da assistencia habitual na séde do governo, A' medida que estas qualidades faltarem, a influem real e legitima do monarcha na direcção do governo diminuirá; crescendo, á proporção que avultarem. E' uma influencia moral, coercitiva. Actua mediante a vontade e a razão do ministerio, não contra ellas. » (*)

Admirem agora a singularidade.

Quem assim reconheceao monarcha, no regimen parlamentar, o direito de ter opinião nas questões de governo, emittil-a, discutil-a em conselho, acareal-a com a dos ministros, tentar desconvencel-os, é o estadista que associa inseparavelmente ao systema representativo, na monarchia, a responsabilidade ministerial estendida a todos os actos do poder exercido em nome da realleza. « Em todo o Estado livre », ensina esse extraordinario mestre, « não ha acto publico sem um responsavel por elle, e a questão vem a ser: Esse responsavel quem será? A constituição britannica responde: O ministro, e o ministro exclusivamente. Ora, para que essa responsabilidade se estabeleça, cumpre, em todos os actos, assegurar-lhe autoridade plena. » (**)

Entretanto, quem entre nós pretende reduzir o Imperador a testemunha impassivel, a figurante mudo nas deliberações do ministerio, é o mesmo publicista que esbulha o gabinete de um grupo de funcções essenciaes ao seu papel, excluindo da responsabilidade e, portanto, da interferencia ministerial os actos do poder moderador.

O primeiro é, na Inglaterra, o chefe do partido liberal, espirito adeantadissimo na sua escola, ministro intransigente em materia de prerogativas do gabinete, orador atrevido e flammejante na defesa da autoridade parlamentar, estadista que não trepidou em qualificar de « servilismo anonymo » o celebre manifesto imperialista de Beaconsfield.

(*) GLADSTONE: *Kim beyond sea*, ns. 35 — 6.

(**) GLADSTONE: *Gleanings of past years*, vol. I, p. 233.

O segundo pretende ser no Brazil o orgão do partido conservador !

Não são, porém, os liberaes só ; até o radicalismo, naquella paiz, confessa a legitimidade dessa co-participação moral do monarcha no governo, a que o *Brazil*, aqui não pôde ouvir allusão, sem denunciar de indignidade os ministros que a não repulsam. Escott, por exemplo, um dos escriptores mais desassombradamente radicaes na politica ingleza, consigna, e aceita sem reservas, esse factó nótório e trivial na historia do governo britannico, durante o periodo em que a camara dos communs aliás veio a tornar-se, em realidade, a peça decisiva no mecanismo constitucional.

« Ao soberano », diz elle, « cabe perscrutar a politica executada, ou adoptada, pelos ministros, exercendo, sempre que lhe aprouver, o direito de *acoroçoar, aconselhar, advertir* ... Ainda que elle não possue, ou não exerce activamente, a faculdade de directa iniciativa politica, *immensa é a sua influencia*, e graves os deveres politicos que o oneram. Temos aqui mais um caso em apoio da observação que nos ensina que onde está o conhecimento, *ahi reside o poder*. O soberano cujo espirito é um repositório de historia politica e precedentes nacionaes, *forçosamente actua, e frequentes vezes n'um grau mui importante, sobre a direcção de successivas gerações de ministros.* (*)

Dest'arte o que o radicalismo sanciona, entre os paizes modelos em constitucionalismo parlamentar, como necessidade ordinaria no governo, aqui encrespa os sobrolhos, e congestiona o ligado aos interpretes officiaes da escola conservadora.

As antecedencias mais concludentes esteiam essas conclusões, exaradas nas palavras do primeiro ministro da rainha Victoria e do edictor da *Fortnightly Review*

Theodoro Martin, o celebre historiador da vida do principe Alberto por missão especial da rainha, registra assim a doutrina consagrada pelo uso :

« As nossas relações exteriores, em cujo circulo se abrangem as questões vitaes de paz e guerra, sempre se entendeu que exigem de um modo particular a attenção do soberano. Si alguem

(*) T. II. s. : *England, its people, polity and pursuits* (Dond., 48), vol. II, p. 95.

deve ter a peito mais seriamente do que outra qualquer pessoa o dar realce á dignidade, á força e ao prestígio deste paiz, é o soberano que preside aos seus destinos, e em quem a sua magestade se personifica. Si alguém deve, mais do que quem quer, que seja, amar a paz e todos os bens em que ella se desentranha é o soberano. Não ha ministro, seja qual fôr o seu patriotismo, seja qual fôr a sua consciencia, capaz de velar pelo que se passa no continente, de preoccupar-se com a prosperidade constante da patria com mais vigilancia e penetração do que o soberano; pois, de todas as pessoas do reino, é a mais estreitamente identificada com os seus interesses e a sua honra della. Por isso a corôa entre nós *teve sempre a eminente função* de vigiar exacta e continuamente pelo estado das nossas relações exteriores e, portanto, de inteirar-se plenamente da politica do governo e de todas as particularidades essenciaes della, que possam influir nas relações internacionaes.» (*)

Da acção manifesta e aceita dessa ingerencia nos offerece multiplos exemplos o reinado da soberana actual.

Em 1840 submetteu ás camaras o ministerio Melbourne o *bill* que havia de regular a naturalisação e os direitos de precedencia do principe Alberto. Esse projecto, que constituia a rainha no arbitrio de fixar a situação official do seu esposo, encontrou, logo na camara dos lords, embaraços graves, entre liberaes e conservadores. Wellington, por um lado, pelo outro Brougham o impugnam com franca energia; e o gabinete cedeu, retirando o *bill*. Mas a questão subsistia pendente, e o governo, cogitando em resolvel-a por uma simples mudança na fórma da proposta, via-se em sérias difficuldades. Porque? A explicação dê-a ao leitor o trecho, que vou trasladar para aqui, das memorias de Stockmar:

« Encontrei a Melbourne perplexo, irresoluto.— Pelo amor de Deus, disse-lhe eu, renunciae a este *bill* de precedencia; não vos deixeis derrotar segunda vez: seria de lamentavel effeito.— Bem o creio, respondeu elle; « *mas a Rainha faz desse bill o maior cabedal.* — Sêde firme, repliquei-lhe; mostrae á rainha todos os inconvenientes de outro revez. »

(*) TH. MARTIN: *The Life of the Prince Consort*, tom. II, p. 310-301.

O conselho do barão prevaleceu. A rainha assentiu, mas para solver a questão mediante uma *ordem do conselho* (*order in council*), que consagrava os seus desejos, assegurando ao príncipe esposo o primeiro lugar, depois della, em todas as solemnidades. »

Afinará este modelo com o typo do rei sem opinião, que o *Brazil* preconisa ?

Outro episodio expressivo:

Não é novidade, para quem estuda estes assumptos, a liberdade absoluta que Palmerston, na pasta das relações exteriores, sem negar os direitos constitucionaes da rainha, pretendia, e não trepidou em exercer, sempre que lhe aprouve, quanto á execução dos despachos, ás ordens de serviço, á direcção da diplomacia ingleza, desattendendo ás regras da hierarchia ministerial e ás leis de deferencia para com a soberana. Mais de uma vez careceu esta de chamal-o ao sentimento de taes deveres. Fel-o primeiramente em 1849, mediante uma carta a lord John Russell, chefe do gabinete. Palmerston, porém, não descontinuou os seus habituaes abusos; o que induziu a rainha, em abril de 1850, a reiterar as suas admoestações, por intermedio de seu marido, n'outra missiva ao primeiro ministro. Os termos desse documento são extremamente significativos, para a especie de que se trata.

« A rainha », escrevia o príncipe Alberto, « não póde ver sem magoa os resultados que, mórmente de 1847 para cá, tem produzido a direcção da nossa politica exterior. Em circumstancias nas quaes a Inglaterra necessitaria de estar n'uma altura mui elevada ante o conceito do mundo, e lograr a estima de todas as potencias, vemol-a pelo contrario, geralmente aborrecida, alvo de desconfianças e tratada sem attenção ainda pelos menores Estados. »

Dessa amarga situação o increpado, na carta do real consorte, em nome de sua mulher, era o ministro, era Palmerston, a quem a soberana advertia não estar disposta mais a consentir que nada se resolvesse, ou obrasse, fóra da sua superintendencia, não se lhe sonegando providencia, despacho, fórmula, ou qualquer circumstancia, geral ou particular, capaz de habilital-a a presenciar, e *contrastear tudo*.

« Lord Palmerston », arguia desaffrontadamente a rainha, « não tem levado em conta estas justas reclamações; lord Pal-

merston tem faltado á rainha, isto não por negligencia, *mas por systema* e com espantosa obstinação de resistencia *a todos os esforços de Sua Magestade.* » (*)

Acreditou o ministerio que a rainha, enunciando-se assim, e impondo aos seus conselheiros essas condições, tivesse exorbitado ? Não. Palmerston foi ministro ainda por dois annos. Entretanto, nessa correspondencia com o chefe do gabinete, a rainha não só irrogára a um dos seus membros uma imputação que poderia, até, ferir-lhe o melindre, como não hesitára em verberar de anti-patriotica e funesta a politica estrangeira sancionada pelas camaras, politica em relação á qual, antes de adoptada, já expuzera, em conselho, os defeitos, que a inquinavam de esteril e provocadora.

A questão do Sleswig Holstein, em 1850, nos depara outro caso frisante. A rainha Victoria achou-se em divergencia manifesta com a politica do gabinete. Mostrava-se então ella propensa no sentido das paixões allemãs, enquanto o ministerio opinava pela Dinamarca, cuja integridade insistia em manter. Prevaleceu o juizo dos conselheiros da corôa ; a rainha cedeu, mas não convencida ; e, si assentio no protocollo dos governos europeus, foi *sustentando as suas objecções.*

Basta, quanto á rainha Victoria.

De Leopoldo I limitar-me-hei a um só exemplo, onde sobressae com o maior relevo o exercicio, não clandestino, antes quasi sollemne, do seu direito de opinião e conselho na politica do paiz.

Era em 1857, nos celebres acontecimentos, graças aos quaes esteve a decretar-se em Bruxellas o estado de sitio. O conflicto agitava-se entre a opinião dos grandes centros populares e a maioria parlamentar. Pois foi nessas circumstancias excepcionalmente espinhosas que Leopoldo não vacillou em intervir, abrindo ao publico o estado intimo do seu espirito, n'uma carta dirigida a M. Decker, presidente do conselho,— verdadeira mensagem, diz um escriptor « destinada muito menos ao ministro do que a toda a nação belga. »

« Nas circumstancias em que estamos », escrevia elle, « a maioria da camara, cujos votos são, e devem ser, o meu guia, tem uma

(*) THEOD. MARTIN: *The life of the Prince Consort*, t. II, p. 304 e segs.

nobre attitude que assumir, attitude digna e um grande partido. *Aconselho-lhe* que renuncie, conforme lhe haveis de propôr, a continuar a discussão da lei. E' á maioria que incumbe esse generoso papel. Aceitando-o completo, infundirá ao mundo alta idéa da sua sabedoria e do seu patriotismo. Conservará nas suas fileiras a estreita união que, para todos os partidos, é o primeiro fructo e a primeira recompensa de uma nobre e boa acção praticada em commum.»

Ora, aqui tem o *Brazil* um soberano constituindo-se formalmente em aconselhador, não só dos seus ministros, mas dos partidos, das maiorias parlamentares, da opinião nacional.

Averbará o contemporaneo de inconstitucionalidade a Leopoldo I? Criminará de imparlamentar a rainha Victoria? Seria presumir-se mais parlamentar, mais constitucionalista do que a Belgica e a Inglaterra.

Não creio que se aventure a tanto.

Mais de uma vez me tenho referido ao barão de Stokmar. E' o homem a quem, entre os dolorosos successos que, em 1854, confrangeram a familia real de Inglaterra, a rainha escrevia: «A vossa ausencia, no momento em que passamos provanças tão crueis, é, para nós, uma calamidade.» E' o homem e o estadista, de quem a soberana do Reino-Unido escreve nos seus «*Early Years*» (n. 186 — 7): «Raramente a uma rainha, ou a um principe, terá cabido a fortuna de receber do céo tamanha benção, de encontrar amigo semelhante, amigo na verdadeira acceção da palavra, e, ao mesmo tempo, conselheiro, tão sabio, tão judicioso, tão honesto.» Foi, em summa, o confidente, o mais intimo amigo, o conselheiro sempre venerado, o educador e o mestre, em materia constitucional, dos tres principes cuja vida compõe o modelo por excellencia da realza parlamentar: Victoria I, o principe Alberto e Leopoldo I.

Haverá maior autoridade?

Não sei se a do *Brazil*...

Ora, pois: vêde como, contra essa concepção do rei constitucional ideada aqui pelo supposto órgão conservador, se pronuncia a experiencia e a sciencia de Stokmar:

«Acaso «diz elle», um rei intelligente, experimentado, espirito vivo e cheio de recursos, não tenderá espontaneamente

orcejar pelo predominio das suas idéas em todas as questões importantes? Não será esse facto consequencia das brilhantes prendas de que a natureza o dotou? Será licito a alguém levar-lh'o a mal? *Certo que não.*»

E, noutro logar é ainda mais explicito :

« Em chegando o soberano a accôrdo com os seus ministros, « ninguem tem o direito de inquirir como esse accôrdo se produzio. » Os ministros respondem pela sua politica : é approvar-lh'a, ou desapprovar-lh'a ; nada mais. Antes de chegar a esse consenso era jus do soberano esclarecer-se, rodear-se de conselhos, interrogar os homens que mais confiança lhe inspirassem. No uso de taes meios onde está o mysterio e a illegalidade? *E' meramente o direito natural.* »

Ou isto, ou o *Brazil!*

Agora, queira dizer-nos o contemporaneo: ainda reputará incursos na desconfiança da corôa os ministros com quem ella não concorde a olhos fechados? Ainda tem por apeado da dignidade politica o gabinete que não ponha rebuço em confessar a realidade, universal em todas as monarchias representativas, da co-participação moral do pensamento do rei na obra do governo?

Fique espichada ahi a pelle do crocodilo, para que o radical não resurja.

Esperemos que o *Brazil* não se retractará do seu manifesto—folhinha.

*
**

Essas e outras extravagancias, por graúdas, não admiram, em uma folha que parece viver sob a persuasão de que as opposições são irresponsaveis.

Erra o *Brazil* : a responsabilidade não é *onus* exclusiyo dos que exercem o poder.

Tambem as opposições quinhoam nella, e por uma razão obvia: a parte activa que lhes cabe na vida constitucional do paiz. Essa

(*) *Denkwürdigkeiten aus den Papieren des Freiherrn Christian Friedrich Stöckmar*, Brunswick, 1872. Pag. 474 o segs.

parte é immensa. Ora, nos governos livres, onde está a acção, está a responsabilidade.

Nem se creia que essa responsabilidade se realize unicamente em compromissos impalpaveis, na região abstracta das responsabilidades moraes. Não. As idéas que hoje propugnais contra uma situação adversa, cream, para o dia de amanhã, contra vós mesmos, limitações reaes, que se hão de traduzir em embaraços sensiveis no dominio dos factos, obstando-vos o movimento, si os não ladeardes, ou alienando-vos a consideração publica, se lhes não captardes o respeito que o pudor da congruencia impõe aos homens de vergonha.

Esse predicado, portanto, que exigimos na administração, quando se diz que *governar é prever*, não menos indeclinavelmente se intima aos que combatem a administração em nome de uma escola, ou de um partido. *Fazer opposição é tambem prever*: prever de mais longe, para um futuro mais remoto; o que torna essa especie de previdencia mais ardua, comquanto não menos indispensavel.

Ha, porém, uma directriz que simplifica essa difficuldade: é a observancia dos principios superiores, a conformidade ás tradições da bandeira, a resistencia á tentação funesta de ver *a priori* objecto de censura em todos os actos do governo que se hostilisa. A opposição que souber ser guarda fiel da boa doutrina, embora essa regra de bem-viver lhe custe muitas vezes a confissão do merecimento do adversario, adquire, para as suas criticas, um prestigio formidavel, e, ao mesmo tempo, dispõe extraordinarias facilidades de acção para a sua futura estada no poder.

Que os governos, em circumstancias apuradas, dobrem a coherencia aos apertos da occasião, facto é commum, ainda nas melhores épocas, a todos os partidos, em todos os paizes, sem exceptuar os mais educados neste regimen. Duras necessidades os condemnam, não raro, a esses sacrificios, a que aliás nenhum partido se submete impunemente. Mas as opposições que não souberem honrar a custodia inviolavel dos principios, estão perdidas.

E' o que succede ao *Brazil*.

Esquecendo que ser opposição não é unicamente destruir, mas semear, não é só acabar com o que existe, senão apparelhar o

que ha de vir, arma dest'arte, para a eventualidade do seu accesso ao poder, uma situação insustentavel, onde os factos mais indifferentes, os actos mais legitimos, as soluções mais inevitaveis ao governo que então corra sob o nome e por conta dos opposicionistas de hoje, encontrarão pela prôa, a cada momento, um obstaculo de honra nas invenções que, em materia do direito parlamentar, de discreção politica, de prudencia administrativa, tem celebrisado a existencia da gazeta conservadora.

Acreditamos, sim, que dos conservadores se ha de originar a regeneração deste paiz ; que por nosso influxo é que se ha de lavar, mundificar, e preservar de corrupção a patria affligida e maculada.

Mas n'uma coisa haveis de estar comigo : para sermos o sal da terra, é mister fazermos boa salmoira, e não carecermos de salga nós mesmos.

Para todos os tempos subsiste a advertencia do epico portuguez :

*Olhae que, si sois sal, e vos damnaes,
Na patria, onde propheta ninguem é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infléis deixo) tantas heresias ? (')*

*
**

O *Brazil*, que me trata com uns alambicados desdens (são de namorado, sei-o eu), offereceu-me, para emparelhar com as minhas « *chacaras e idilios* » ao governo, a glosa chavasca dos amorios escoiceados de um casal de sendeiros, com que o contemporaneo esperdiçou dez linhas do seu precioso jornal.

Recuso decididamente. Tenho sido victima de muita pata ; e muito me arreceio de tal casta de animaes. Não sei, sequer, dar-lhes a devida estimação, e tremo de magoar-lhes o amor proprio. Mal distingo um petiço de um frisão, uma pileca de um ginete, ou um quartão de uma hacanéa. Fujo, pois, delles, para não faltar com a justiça a ninguem. Percebe o *Brázil* ?

(') CAMÕES : *Lusiad.*, X, 419.

O que me quer parecer, porém, é que o contemporaneo, sob essa apparencia de generosidade comigo, ou com o governo, tratava, mas era de fazer pela vida... Ha, no commercio, muito crendeiro, que não vasculha as teias de aranha, afim de não enxotar a felicidade, ou pendura figas atraz da porta, para acautelar a casa de ruin olhado. Por outro abusão analogo, muita gente ahi traz ferraduras no balcão, para chamar a fortuna. A ferradura exerce assim, na pequena industria, uma especie de função tutelar : suppõe-se que attrahe freguezes, e avoluma a receita. Não seria, mais ou menos, isso o que o co-religionario, por bem entendido espirito commercial, teve em mente com aquella poetica homenagem aos dois quadrupedes ?

*
*
*

Entretanto, é essa grosseirona poetisação de uns galanteios de cocheira que o *Brazil* pretende enfeichar com aquelle mimoso e innocente apologo, o apologo hespanhol das lagartixas, com que, na fêria passada, brindei os benevolos leitores.

Ora, o publico ha de ter observado a minha quêda pelo genero apologal. Pello-me por elle, não sei negar.

Estou com Lafontaine em que

« Les bêtes ne sont pas si bêtes que l'on pense.

E penso como elle ainda, quando poetava :

L'apologue est un don qui vient des immortels :

Ou, si c'est un présent des hommes,

Quiconque nous l'a fait mérite de autels. ()*

Não posso admittir, pois, que zombem de meu fraco, e muito menos que o publicista do *Brazil* me falle com desdenhoso sorriso nas minhas lagartixas. Quantas redacções de folhas valerá a sardanisca feliz e gloriosa, decantada nos versos de Tomás de Iriarte ?

A lagartixa, se me não engano, tem, até, a honra de ser uma das transfigurações do embevecimento e do extasi enamorado. O Sr. Canindé, apezar do atavismo scientifico que o liga ao Centauro, não vale, todavia, mais, creio eu, do que o nosso Alvaro

(*) *Fables. A' madame de Montespan.*

de Azevedo, o qual derriçava modestamente com uma qualquer conversada anonyma; em versos como este :

Tu és o sol, eu sou a lagartixa.

Ora, vejam a injustiça dos homens : tanta « *gemma preciosa* » que tenho espargido por ahí além, de *sapiencia*, de *espírito*, de *genio*, e não me acham onde pegar, nem por onde me julguem, senão o conto da lagartixa ? !

Um fabulista conheço eu, que responderia a essa laia de criticas com o mais guapo dos apólogos.

Transcrevel-o-hei, sem applicação ao caso, para deleite dos leitores:

Un perro se encontrò con un cordero,
Y por su natural sucia costumbre
Le olió por el traverso.
El le suplió con simple mansedumbre ;
Pero el perro villano
Se enojó, e inhumano
Al cordero mordió, y el pobre dijo :
Porque me muerdes, di, que mal te he hecho ?
Yo en nada te ofendi, segun colijo
Y el perro respondió mui satisfecho :
Porque me oliste mal, y me he enfadado.
Y respondió el cordero desdichado:
Si hueles lo peor, qué culpa tengo ?
Por cualquiera otra parte que me olieras,
Me hallaras aseado :
Pero tus mañas fieras,
Como son de morder, lo peor huelen.
Quantos criticos hay que hacer lo suelen ! ()*

Digam-me agora se ha nada como a fabula.

« Gracias, muchas gracias », Gregorio de Salas !

6 de Janeiro, 1884.

(*) FRANCISCO GREGORIO DE SALAS : *Fabulas*.

VI

Fosquia preliminar.—Me adsum.—Economia de cantochão.—Therapontica e hygiene contra as saturações pela leitura do *Brazil*.—Innocencia brahmanica desta folha.—Eu e elles.—Põe o teu nome em baixo....—Ridendo, sempre ridendo.—Por onde anda o reino dos céos.—Faceirices de velha tabaquista.—Apontamentos de leitura na Parvonia.—Appello ao publico.—Descensão ás sombras do passado conservador.—O meu guia.—O programma do *Brazil*: politica; finanças; eleição.—Opposição sem opinião.—Uma reminiscencia da Morgadinha do Val-Flór.—Taboleta de advocacia no *Brazil*.—Vocações erradas.—O partido conservador marasmado pelo gôro órgão.—Mestre André, outro officio!

Ora graças, que ainda chego a tempo de acudir ao *Brazil*, não para lhe poupar mais uma decepção e um ridiculo, mas, ao menos, para o forrar á despeza de uma esportula de missa.

Já o contemporaneo empina a cabeça no extremo do pescoço escanzelado pelos jejuns da devoção á causa do partido, dilata ao ar as narinas, resfolga com estrepido pelos gorgomilos, e anedia amorosamente o ventre patriótico, farejando carniça.

Já daqui descortino o meu particular amigo o sr. Canindé marinhando o braço inquieto pelo vão das arcas da empreza, em busca do chem-chem, com que me pague o responso.

Já me chocalha aos ouvidos o grasnar do fradépio da *Chronica politica*, engrolando-me o *Requiescat* sobre o catafalco.

Era hoje o oitavario da minha cábula de segunda-feira; ergo, devia ser o do meu fallecimento. Assim racionaram aquelles meus religiosos (nada bernardos) confrades.

Desenverguem, pois, ss. ss. as casacas: desta vez não gastam a cêra, e podem economisar o latim para as exequias de familia.

Detenha-se o amavel barão na sondagem da burra: voltem ao fundo os patacos laboriosamente ratinhados, como vintens da avó amuados em calcanhar de meia recirzida. Restitua-se s. ex. á sua funcção de providencia domestica nas tribulações da penada

folha. Torne á sacola do beguino o breviario e o ripanço. Desenfune o *Brazil* o papo. Esse tresandar a defunto ha de ser o cheiro do proprio nariz.

Venho sacudil-os do sonho: *Salisbury* aqui está, são e escorreito das pragas.

A noticia do meu infausto passamento foi mais uma das araras que o *Brazil* costuma incampar á freguezia; elle, que nem sequer, no exercicio da arte, sabe refreiar-se ante a experiencia dos mestres, consagrada no sabio conselho: « com uma verdade encobrirás dez mentiras. »

Bem me soára que, para o *Brazil*, muito ha que incorri no seu *livro V*. Que elle me condemnára a morrer *de morte natural* pela corda, sabia-o eu. Mas dahi á execução das intenções patibulares do sentenceador não vai pouco. Vai mais, mesmo muito mais que da existencia valetudinaria á estabilidade de uma gazeta. Deixo ao contemporaneo a medição desta distancia, que não lhe dará o trabalho de sair á rua.

Entretanto, o sayão da rua do Ouvidor, no *chronicão* impagavel de segunda-feira, já faz publica ao paiz e ao mundo a *condemnação de Salisbury*. *Condemnação*, aqui, equivale a *garrote consummado*. Sempre foram disfarce de carrascos estes euphemismos sanguinarios. Malvados!

O écho do pregão funebre em mim mesmo tal repercussão trouxe, que provavelmente não tardarei em submeter a minha aorta á orelha sagaz do digno representante do Ceará que, no seio do *Brazil*, personifica a sciencia de Esculapio e do centauro Chiron. Sem este recurso no momento, duvidei da propria consciencia da minha vida; cheguei a sujeitar-me á experiencia do espelho: o vidro embaciou. Procurei, na pupilla dilatada pelo susto, a imagem do matador. Em vão: não estava lá ninguem do *Brazil*. Indubitavelmente eu não era cadaver.

Que pressa a daquellas malfazejas almas em estortegar em o gasnete aos co-religionarios!

Morto *Salisbury*! Mas por quem? e em gloria de quem? Sem dúvida, o chroniqueiro do *Brazil* attribue a si a honra dessa obra meritoria? E' o que se deprehenderá do tom, com que o bravo inimigo se impavona. Pois não hei de consentir que o tapuya pendure por trophéo á porta do pardieiro as minhas farripas,

nem que junte os dentes desta victima ao collar de cannibal. Não, senhor; não ha de enfeitar á minha custa o emblema das suas proezas.

De onde foi a sua perspicacia inferir a minha desaparição? Pois não tenho eu direito a um sueto, em tempo de ferias grandes? Pois ha ahí fêria, ainda em casa de chelpa e paga prompta, que lá uma vez se não atraze? Pois serei eu impenetravel ás enfermidades, na quadra dos microbios e do *Brazil*?

Tomo por árbitro o clinico que escolherem, dos mais illustres. O sr. Villa da Barra, por exemplo. Imagine s. ex. que eu, ha obra de dois mezes, embuto ao estomago, todas as manhãs, sem pestanejar, de um trago, a primeira pagina daquella folha. Não sou dyspeptico, não; mas aquillo opila. E' como si sentenceassem o eminente facultativo a comer caliça sessenta dias seguidos. Ora, confesso ao meu partido: a todos os sacrificios para com elle estou disposto, tirante este: o da morte por anasarcã.

Careço, pois, de espaiar a espaços, abstendo-me do enfarte indigesto, para volver mais tarde á penitencia. Fica assim o meu rico amigo advertido quanto ás minhas ausencias. Quando alguma segunda-feira me não deparar aqui com os trocos miudos da semana, já sabe: estou em uso de quina, para proximamente o obsequiar, mais sadio e de humor mais ameno.

Lá que o contemporaneo me chegue a dar cabo da pelle, historias! não commetta para comsigo mesmo a injustiça de suppô-lo: o *Brazil* é como os brahmenes de Camões:

Não mata coisa viva. ()*

* * *

Naturalmente os meus verdugos me suppuzeram arquejando nas vascas desta para melhor, desde um atabalhado editorial, inscripto sob o titulo de *Corrupção*, e que da dos seus collaboradores seria o mais cabal corpo de delicto, si o não fosse apenas da sua falta de sizo commum.

(*) *Os Lusíad.*, VII, 40.

O publico é testemunha do escrupulo com que invariavelmente me tenho abtido de insultar a quem quer que seja. E' a regra que me tem norteado, sem excepção, nesta penosa romagem. Censurando aos responsaveis pela direcção do *Brazil* os seus erros imperdoaveis, erros taes, n'uma inculcada folha de partido, que antes se creiam de uma imprensa creada,

*Não para defendel-o, nem guardal-o,
Mas para ser contra elle, e derribal-o;*

nem uma só vez, nunca! desferi a injuria contra alguma das notabilidades que honram o lado conservador, ou ainda contra algum dos seus lidadores no jornalismo, ou na tribuna. Pelo contrario, dos seus chefes, dos seus oradores, dos seus publicistas, dos seus homens de talento defini o merecimento, em phrases que exprimem muito mais, e muito mais lhes hão de ter sabido a elles do que a mofada resina dos incensarios do *Brazil*.

Tenho-me comprazido, é verdade, na ironia e no epigramma. Mas este é o menos selvagem dos meios de reduzir ao nada a mediocridade, a ignorancia, o parasytismo, a pataraticce.

Nunca, entretanto, hervei essas armas com uma insinuação envenenada; nunca me desci até á zombaria brutescas do histrião, que cuida enxovalhar os outros com as jogralices que o acanallham; nunca perpetrei a baixeza, sem nome no codigo cavalheireseo da imprensa, de violar o recato do contendor, tão anonymo quanto eu, fugindo ás justas leaes do talento, em que as forças se medem pelo vigor dos recursos intellectuaes, para o apunhalar por baixo da capa com o estylete das allusões pessoaes, que desarmam o adversario limpo, a cujas mãos repugna apanhar, na praça, ou na baiuca, a navalha onde os salteadores da honra e do merecimento exercitam a unica habilidade que os recommenda á attenção humana.

Não; nunca pratiquei tal.

A pessoa dos meus antagonistas foi me sempre sagrada. Das suas mazellas não aproveitei jámais senão as que tocam aos interesses do polemista politico.

Apontado pelo *Brazil* como vendelhão da minha penna, nem sequer interpuz agravo para a opinião. Vingo-me simplesmente

com a certeza de que, na consciencia dos meus accusadores, atraçoada por elles, tenho a minha desforra completa. Com ella me hão de honrar, a despeito seu, enquanto com o vasculho me atiram as varreduras de casa.

Os leitores podem testificar em como eu *vi sempre*. Com o ridiculo é que me fiz implacavel, e tenho com elle o mesmo costume, que com o demonio da desgraça usava um escriptor muito do meu trato: entalal-o pela cauda, e obrigal-o a tregeitar diante de mim em sarabandas de galhofa.

Dahi os flatos do *Brazil*, flatos que, no façanhudo artigo de 11 do corrente, se exacerbaram até á perda mais escandalosa de todo o sentimento de compostura.

Salisbury, sabem quem é? Nem mais nem menos este figuro:

« Um advogado sem causas, que aceitou a do governo, para não ficar de todo ás moscas. Leva as semanas a esgaravatar as gavetas, suppondo que pedantismo é illustração e pieguice espirito. Já fez dormir uma platéa, illudindo quem acreditou na tal celebridade provinciana. Ninguem mais cae n'outra. Só o Sr. Prisco, seu amigo e admirador, é que o impinge ao thesouro. »

Aviso ao leitor incauto: o que ahi fica, não é uma mofina de *Corsario*, é um *premier Paris* do *Brazil*, não é uma effigie de redactor do *Brazil*, não: é o meu retrato.



Bem dizia, ha pouco, em S. Paulo, o Sr. João Mendes:

« Muitos co-religionarios andam tristes e desgostosos, porque, em vez de batalhas politicas, ha pleitos puramente pessoases. A culpa, porém, não é minha. »

Eu sou um desses conservadores pezarosos. E menos culpa ainda tenho do que o illustre chefe paulista.

Entretanto, acabam de ver como o *Brazil* investiu commigo de fueiro em punho. E, ainda por cima, em vez de corar da vergonhaça, inchou desvanecido, e julga-me deslombado em lençoões de vinho, á espreita da primeira aberta para dar ás de Villa Diogo.

Quão mal conhece elle a *Salisbury* ! Aliás saberia que este seu servo não costuma deixar carta sem resposta. Apenas quando o genero da missiva requer barrela reservo-me o direito de denunciar á junta d hygiene o infractor das posturas sanitarias. No mais, emquanto me xingam, rio, rio a froixo, rio á desgarrada, até que o fluido hilariante se aposse do auditorio. E só então, quando a crise se exagita, e o enengumento gane, e se espolinha, e espernega afocinhado no pó, ao cascalhar das cachinadas, entra comigo a piedade, e impetro fervorosamente a Deus Nosso Senhor que o não deixe emparvecer de todo.

Mas enfesar-me, não !

A minha resignação neste sentido é inexaurível: *Quidquid erit, patiar.*

Por exemplo: dos quilates litterarios do meu estylo diz o contemporaneo o que o al-korão não disse do toicinho ; e eu, em logar de querer-lhe mal pelo seu des: mor, lembro-me de Marcial (I. 68) apenas:

« Diz Cherilo que em meus versos
Não sou mais que um porcalhão ;
Fallei nelles de Cherilo ;
Cherilo tinha razão. » (*)

Não confundo, como, por excesso de malignidade, se me attribue, pieguice e pedantismo com illustração e espirito. Si eu nunca irroguei ao *Brazil* a pécha de espirito e illustração !

A minha pedantaria é notoria. Eu sei o valor que o co-religionario associa ás palavras.

Uma vez, *verbi gratia*, chama de *elogio mutuo* o elogio não reciprocado. Não discerne, pois, remuneração de gratuidade, e, apesar de jurisperito regorgitante de pleitos, á meia volta ahi o teremos denominando gratuita uma venda bilateral e uma doação.

Outra feita é do « *velocino de oiro* » que nos falla. Até á éra demarcada pela existencia do *Brazil*, *velocino e vello de oiro* eram uma só coisa. Agora ficam registrados os velocinos de varia casta: de bezerro, supponhamos, pellica, ou coiro da Russia.

(*) Versão de CASTILHO (José): *Arte de amar*, vol, III, p. 87.

Com o voar de tal progresso, não tardará muito que os srs. Sertorio e Pinho, ou Queiroz nos annunciem velocino em luvas, chinellas, ou sellins.

Protesto ao *Brazil* que, si cae em brindar-me com um vocabulo amavel, levo-o a juizo. E' *pedante* que me ha de appellidr. Si me chama douto, ou modesto, vamos aos tribunaes.

Charlata, sim, é o que eu sou. A *Féria* é soberanamente narcotica: uma infusão concentrada de papoilas. Não ha « coração caridoso », que a leia. Qual! Todavia, o *Brazil* com todo o seu pico e atticismo e graciosidade e elegancia e fascinação, palrêa mezes, longos mezes; e a influencia conservadora na provincia do Riode Janeiro esbarronda-se: eis o resultado. Agora, eu não valho um chavo gallego; ninguem me lê, por esmola sequer; e o *Brazil* estrebucha, berrega, chammeja! Estou vendo que o *ferro* do contemporaneo é por me não lerem! Que me lessem; que o paiz todo me lesse, é o que elle almejava.

Tem idéas!

Sabe o co-religionario o meu criterio nestas coisas de imprensa, tarimba de que sou voluntario ha alguns lustros?

Muito simples.

Si o adversario perde as estribeiras, estou como quero; ageito sybariticamente a attitude mais oriental, para saborear-me do prazer; cachimbeio (deixe passar a novidade), cachimbeio a longas aspirações a doce impressão; chego a dar trincos com os dedos; e não me contenho, que não exclame:

— Bravo! Déste-lhe na certa.

Si me applaude, enfió, mudo de conversa, e murmuro com os meus botões:

— Que parvalhada faria eu?

« Advogado sem causas! », assovia-me, fazendo gaita dos dedos, o trocista do *Brazil*. E acrescenta que, por *não estar ás moscas*, me encarreguei da apologia do governo.

Então de semelhante cevandija não ha, lá por casa dos amigos? Deram-lhe consumo á casta? Ora, que moscas em terra de papamoscas não têm guarida, ouvira-o eu: são como ninhos de andorinhas na China. Mas em tão esclarecida e luzida companhia, meus senhores!...

Agora á denuncia de « advogado sem causas », essa é de escaçar moiro e christão. Pois eu sou deveras advogado? e sem causas? Querem ver que o contemporaneo me eleva até á altura do sr. Lafayette? Advogado sem causas é o a que elle se reduz. Os que o suppunham juriconsulto, e da mais vasta nomeada no fôro, são uns nescios. S. ex., diz o *Brazil*, deu a lume apenas « alguns commentarios e plagios bem acceitos, adquirindo certa fama convencional de clientela forense. »

E é essa folha quem argüe o ministerio de recolher-se á *beatitudo de sua situação*. Si o gabinete aspirasse á bemaventurança, era pedir hospedagem ao *Brazil*. O reino do céu é aquillo. Alli não ha velhacos, nem pobretões, como eu, nem advogados sem demandas, nem medicos sem doentes, nem juizes sem justiça, nem requestadores dos obsequios officiaes, nem amigos de pão de ló, nem vampiros das verbas mysteriosas do orçamento. Allisó ha essa *virgindade impervia*, de que falla o oratoriano Manoel Bernardes as proposito de grandes santas. Que graça não ha de achar a esse immaculados o sr. conselheiro Prisco! a esses sancarrões!

Excellentissimo, quem é que monopolisa a sua admiração? Eu ou elles?

Salisbury é quem mancha as mãos em dinheiro secreto, para servir amigos. Descance o *Brazil*; eu não me indigno; conheço-o; sei a penna de onde esguichou a injuria; não lhe nego um resto de consciencia, e tanto me basta, para não ficar desvingado.

O leitor conhece, em Tolentino, o typo daquellas velhas presumidas, serodias acarinhadoras de Cupido?

Olhe-me uma daquellas tafulas,

Que, em festival sociedade,
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade,
E vai fartar-se na alcova
De simonte e de cidade.

De quem lhe dá ares essa tabaquista, inflammada na sala contra o esturrinho, que cultivava assiduamente na alcova?

Versos! Valha-me Deus, que não me corrijo da pedantaria. Que hei de fazer? Cada qual com a sua sina. Outros têm o privilegio de marchetar os seus editoriaes com improvisos poeticos de alquilaria, e, não obstante, são cavalheiros de fino gosto.

Eu, que não nasci com a vocação da almofada e do pingalim, faço jús aos enjões do *Brazil*, si me deleito em alguma reminiscencia de poetas asseiados.

Ainda hei de escrever o vocabulario jornalístico desses reformadores do bom senso.

Toda a minha perplexidade está na escolha do titulo.

Alencar, em cada numero do seu *Protesto*, consagrava aos ridiculos da situação conservadora uma larga secção, sob esta rubrica:

Beotices.

Eu não n'ò quero plagiar. Não me conformo tambem ao titulo, que me suggeriu alguém, de *Calinadas*.

O publico que me auxilie, si faz gosto, no baptismo do meu *parvoiceiro*.

* * *

A faina do *Brazil*, ha quinze dias, consiste em esfusiar guinchos contra a imprensa que lhe não tóa, e, aos que o interpellam sobre o seu programma de governo, responder com a historia das situações conservadoras.

« Nosso programma », diz, « está *no passado*, nas tradições politicas do paiz, nos monumentos legislativos, que apontaram a historia da nossa *secunda* passagem, nosso *encendrado amor ás instituições, á ordem, e á liberdade.* »

Pois sim. Encostemos o ouvido a beira do abysmo, onde esse preterito se despenhou.

Que nos está elle revelando?

Que tradições, que vestigios nos amostra dos governos conservadores?

Dou de barato a suspeição que me puzestes. Certamente me acoimareis de reproductor infiel dessas vozes que não mentem. Evoquemos, portanto, dessas paragens um desses vultos cuja serenidade não se empana nos interesses e paixões do dia de hoje.

A essa confiança, entre conservadores, ninguém possuiue títulos mais extraordinarios que José de Alencar. A ninguém com mais segurança de animo poderíamos dizer :

Tu duca, tu signore e tu maestro.

* * *

Que arrhas nos dá, pois, o passado, offerecido em penhor pelo *Brazil*, quanto ao respeito aos interesses legitimos do nosso partido e á direcção geral da politica no paiz ?

Escutemos essa historia, tracejada em grandes linhas pelo buril de Alencar.

Começa de 1856 esse escorço, e abrange o vasto periodo de 21 annos, cerrando-se nos dias carregados e sombrios de 1877.

« Em 1856, o gabinete de 4 de setembro perdeu seu chefe illustre, o marquez de Paraná, nas vespers da eleição. As difficuldades de uma reorganização naquelle momento levaram á presidencia interina do conselho o sr. marquez de Caxias, que nunca nos mais altos vôos da sua ambição, podia considerar-se um estadista.

« O ministerio acephalo de 4 de setembro arrastou-se por alguns mezes, até que na abertura do parlamento o sr. Caxias teve a satisfação de entregar o poder ao gabinete liberal do sr. marquez de Olinda.

« Volveram annos, e os conservadores de novo consolidaram-se no poder.

« Voltou de novo á scena o chapéu armado do sr. marquez de Caxias, e desta vez acompanhado de um valente sabre de marinha, o finado visconde de Inhaúma.

« No curto periodo de um anno o sr. marquez de Caxias conseguiu debellar pacificamente as exaltações dos seus adversarios, *sacrificando o seu partido.*

« Ao abrir-se o parlamento em 1862, era tal o descredito do gabinete 4 de março, que *todos* os conservadores sinceros reconheciam, como actualmente, a urgencia de uma nova composição que *restituisse á situação a força perdida.*

« O sr. Caxias obstinou-se no poder, promovendo com essa imprudencia a scisão que privou para sempre o partido liberal de homens proeminentes.

« Dias depois o partido conservador cahia, repellido pela corôa, trahido pelo seus, e *condemnado pela opinião*, que lhe imputava todos os erros e todas as maculas de alguns ambiciosos.

« Quando, em 1875, o Imperador se preparava para a sua viagem, aconteceu o *fracasso do sr. Rio Branco*. Esse brilhante e facil presidente do conselho desmoronou-se com a crise bancaria, e foi levado pela onda dos saques e recambios.

« A corôa tirou outra vez a lume o duque de Caxias... e ainda permanece um pseudo-gabinete conservador, cuja unica missão é consummar a obra de desmoralisação, tão bem começada por seu antecessor.

« Quando esgotar-se o catalogo das concessões indecorosas, quando não houver mais transações possíveis, quando o partido conservador cahir no descredito a que chegou em 1862, então será enxotado do poder...

« Haverá então quem brade contra essa resolução, repetindo por sua vez aquelles retumbantes écos de *golpe de estado*, *despotismo*, *attentado* e outros, que ouvimos em 1868.

« Nós, porém, *havemos de applaudir esse acto de justiça.* » (*)

Agora appello para os meus co-religionarios ; elles que decidam. E' por esse modelo que o *Brazil* tenciona reger o partido e o paiz ; é com esse affrontoso desprezo á opinião do paiz, e com essa estolida noção das necessidades do partido.

Dizei-me, pois: é esse o vosso orgão ?

* * *

Que faria o *Brazil*, no governo, das finanças nacionaes ?

O que o passado lhe ditasse, declara essa folha.

Considerae, pois, os mais recentes vestigios dessa época extincta.

Era em começo de 1877, quando a penna de Alencar vibrava nestas linhas:

« O governo acaba de realizar mais um emprestimo.

« Em junho passado as condições do thesouro eram tão precarias que o forçaram a emittir oito mil apolices abaixo do par, quando ellas estavam cotadas a 125.

« A falta absoluta de numerario para fazer face ao pagamento dos juros da divida interna consolidada impôz ao nosso imprevidente governo essa operação infeliz.

« Seis mezes depois, aggravam-se ainda as circumstancias do thesouro, por modo que o obrigam a nova emissão de trinta mil apolices, e sempre abaixo do par.

« O governo sente a necessidade indeclinavel, que terá, de recorrer breve a novas emissões, pelo menos emquanto não fôr possível tentar emprestimos externos.

« Eis a verdade, que resalta do contrato.

« E, para que nenhuma duvida pairasse em nosso espirito, o ministro da fazenda mandou communicar-nos pelos jornaes que essa emissão de trinta mil apolices era destinada a consolidar a divida fluctuante.

« Ingenua confissão !

(*) *O Protesto*, pags. 49 e 50.

« Em janeiro, isto é, em meio de um exercicio, o thesouro, apesar de já haver cobrado grande parte da receita annual, achase oberado com tal massa de bilhetes, que é obrigado a consolidar trinta mil contos!

« Com que vai elle occorrer ás necessidades publicas durante o resto do exercicio, quando a receita diminue, e os encargos, já muito superiores ao maximo do orçamento, avultam a cada momento?

« Não terá outro recurso, senão emitir mais apolices, e illudir o banco do Brazil, assim como illudiu os seus credores de Londres, esbanjando em superfluidades o producto de um emprestimo contrahido para o fim especial da construcção de uma estrada de ferro.

« Da mesma fórma, daqui a seis mezes, ou menos, o thesouro emitirá apolices para o cumprimento de algum contrato, e applicará o producto ás despezas ordinarias ou a novas dissipações.

« Estas coisas são tristes de dizer para um brasileiro; mas esse brasileiro é, não só contribuinte, como credor do Estado; e tem o direito de exigir que o thesouro do seu paiz porte-se *ao menos com a probidade vulgar de qualquer negociante.*

« *Os dissipadores que se chamam financeiros*, e o côro de pre-tendentes que os applaude, não cessam de repetir a cada instante: O paiz é muito rico.

« *Mas não ha riqueza, que resista a semelhante furia de gastar.* » (*)

Ahi está o porvir que nos aguardaria, si á grei do Brazil coubesse algum dia pilotear-nos o thesouro:

O desbarato do credito publico e da fazenda nacional sublimado, na phrase de Alencar, até á *insania*;

A lealdade do Estado, nas suas transacções, descida abaixo das condições mais ordinarias da honestidade mercantil.

Parabens pelo programma!

Pretende o *Brazil* que a situação está pintando para o partido conservador.

Praza aos céos!

Ora bem. Temos em perspectiva uma eleição geral. Que attitude nos promette a esse respeito a historia dos governos do nosso lado? Que esperanças, emquanto a essa face do futuro, nos autoriza o seu passado a conceber?

Diga-nos a sorte da *lei do terço*. Decretada, máo grado seu, pelo ministerio Caxias-Cotegipe, essa reforma, não obstante o

(*) *O Protesto*, pag. 33—4.

empenho de honra, compromisso ultra-solemne assumido para com o paiz n'um discurso da corôa, foi ludibriada por esse mesmo gabinete, que, principiando por oppugnall-a, acabou perfilhando-a, para mais tarde a trahir.

Eis a sentença da historia, fulminada por José de Alencar :

« O compromisso foi *completamente fraudado*, e, o que é mais, com *escarneo e mofa*. Si, em tão grave e penoso assumpto, fosse admittido o trocadilho, era o caso de dizer-se que houve, não empenho, mas *despenho de honra*.

« O ministerio deu o primeiro documento de seus designios no volumoso regulamento, subtrahindo á opposição *ob e subrepticamente* o terço do eleitorado especial, quando havia cinco vagas de senador a preencher.

« Chegam as eleições de deputados.

« O sr. João Alfredo, donatario de Pernambuco, distribue os treze logares com exclusão do sr. Theodoro da Silva, amigo do Sr. Paulino de Souza e companheiro do sr. Diogo Velho na dissidencia.

« Em compensação o sr. Paulino de Souza, com o talento arithmetico de um futuro financeiro, fez á penna, em seu gabinete, uma eleição que os collegios do Rio de Janeiro referendaram.

« Da chapa batida dos nove foi excluido o sr. Cardoso, um dos mais prestantes auxiliares do gabinete passado : dente por dente.

« Por toda a parte, com excepção de duas provincias, o partido conservador apresentou ostensivamente uma chapa integral, em vez da lista incompleta da lei.

« Si o partido o fez de accôrdo com o governo, onde ficou o empenho deste e a sua honra ? Si o fez contra o voto do ministerio, que esperaram os ministros depois de tão positivo mandado de despejo ?

« O illustre chefe da ex-dissidencia, com logica facil, mostrou á evidencia que a lei eleitoral não prohibia aos eleitores a combinação dos votos no proposito de excluir do terço a minoria.

« Não, de certo ; mas muitas outras coisas o legislador não prohibiu, e que um *partido sizudo não pratica*. Um boato lançado na circulaçào ; alliciações por meio de favores ; transacções com adversarios radicaes ; são factos de que não resa o texto da lei, e que, entretanto, a *decencia reprova*.

« A reforma eleitoral foi promovida pelo governo e votada no parlamento com a declaração muito positiva de ser a iniciação dessa idéa liberal da representação das minorias.

« Todos quantos para ella concorreram com o seu voto e o seu apoio, desde a apresentação do projecto até á sua promulgação, todos deviam ser leaes ao pensamento da lei, e o governo mais que nenhum.

« Burlando a reforma, *trahiam o seu dever, e não zelavam a dignidade da corôa*. » (*)

(*) *O Protesto*, pag. 17—8.

Eis ahí o que resa o passado conservador, no tocante aliás a uma reforma obra nossa.

Que nos augurará elle emquanto a uma reforma obra liberal ?

Todavia, esse o programma do *Brazil* !

Batamos-lhe palmas.

* * *

E' si querem ver a simpleza com que o *Brazil* reduz a effeito desde já esse programma *retrospectivo*, que, em ultima analyse, vem a cifrar-se em *não ter opinião, e fluctuar ao tom da maré*, observem-lhe a linguagem a proposito dos applausos do *Jornal do Commercio* em relação á attitude firme do sr. ministro da agricultura no que respeita a garantia de juros.

Elle reconhece que « o credito do paiz no estrangeiro, tal como se acha, é um *problema*. »

Confessa que em relação « a responsabilidades contrahidas pelo Estado, a situação é *muito grave*. »

Annuncia, até, um mappa demonstrativo, que vai dar a prelo, para convencer o paiz de que, no caminho por onde vai, « chegará por linha recta, e bem proximamente, á *bancarota*. »

E, não obstante, sabeis como elle acolhe o estadista que se recusa a proseguir nessa trilha, e levanta a bandeira da resistencia á celebração de novos compromissos, que engravesçam ao credito do Estado os apuros actuaes ?

E' inconcebivel ; mas é assim :

« Entre esses elogios (os da imprensa neutra) e o ataque que um membro *responsavel* do parlamento » (tambem os ha *irresponsaveis*, senhor meu ?), « o sr. Felicio dos Santos, dirigiu ao sr. ministro da agricultura, por não possuir a verdadeira orientação do que deva ser a politica de economias e restricções ao credito do Estado, *não sabemos qual partido devamos tomar*. »

Isto é, não sabe a que lado se incline, em assumpto de cuja solução depende, na propria estimativa d'elle, o credito ou a *bancarota* do Estado !

Isto é pyramidal. Isto crêa direito a um obelisco, ou... a uma risada.

Esquipações de gigante.

* * *

Verdade seja que é essa mesma folha quem, aos 5 do corrente mez (a data merece registrada), dardejou este raio de luz :

« Escreve-se tão rapidamente que nos constituimos echo de opiniões emitidas por outrem, sobre as quaes não reflectimos maduramente. »

Digam agora que aquillo não é *um monumento gothico* !

*
*
*

Bem se vê que esses senhores andam assoberbados de causas, tantas que lhes não sobeja tempo de pensarem na causa da nação.

Na banca, na gymnastica das rabulices do fóro, uns Papi-nianos de tomo e lombo, uns Lobões de maço e mona, assombro e inveja de ambas as faculdades, si não mente a fama no Recife e em S. Paulo. Mas na defensão dos interesses publicos, pessimos, infelicissimos, incapacissimos conselheiros.

Dest'arte, si lhes desaparece a clientela de co-religionarios, quero crer que lhes sobra a dos compra-rixas.

Agradeçam-me o cartaz.

Emquanto eu me vejo á beira da mendiguez, ás aranhas, louvado seja o Christo ! que aos maltrapidos da minha laia incontamina da esmola dos inimigos, favo sem responsabilidade, tão aceito a zangões acatonados. E' o que me vale com o ocio para estas palestras de papo acima.

Uns adormentam platéas ; é a sorte dos que não nasceram para as gambiarras. Outros, que, nestas, devo crer, levariam a palma ao Vasques e ao Machado, mettem-se a bedelhar politica, e inspirar partidos.

Deus meu, si é veridica a imputação que me fazem, recaia o gladio da vossa ira sobre a maldade dos ingratos, que por cumulo dos cumulos, ainda me levam a crime o beneficio precioso, que me devem, de um somno sem pesadelo !

Não faço mais concurrencia aos Almeida e Souzas do *Brazil*: a clientela dos bernardos e cruzios não se acabou com o rábula malsinador de Mello e Freire. Baldado seria lutar contra a sinistra estrella. A minha clientella hypothetica e eventual, cedo-a toda ao *Brazil*. Sem mais direito a reclamações.

Tambem lhe deixo a rampa do proscenio. (Quanta abnegação a minha!) Assigno-me réo confesso de inepecia no geito de espertar platéas. Nestas e outras gentilezas por demasia ousado será quem pretenda rivalisar os meus pateadores.

Mas, insigne *Brazil*, a minha estupefacção ante vós desconcerta-me até a gagueira, quando considero que reunis ao comico segredo de fazer coegas ás platéas, e estorcer em rinchadas os auditorios mais graves, a nigromancia diabolicamente ministerial de infundir somno á opposição.

Desde que surgistes, o partido conservador cochila, cabecêa, amodorrado, e só não perde eleições onde tem a fortuna de não ler-vos.

Ha meio anno que a agulha hypodermica do *Brazil* lhe instilla nas veias arrateis de morphina.

Vós não sois um jornal de combate: sois uma seringa de Pravaz.

Saquem-lhe da pelle a bisnaga medicinal, -ministrem-lhe cafeina, e aposto que o padecente, se torna em si, e abre os olhos, o primeiro comprimento que bocejará ao gôro orgão, é o meu:

— *Maitre André, allez faire des perruques!*



04

02/08 C 16

Luzia